



João Oliveira

O líder da bancada comunista
no Parlamento português diz
que não tem objeções de
princípio ao voto eletrónico

04

Edition

F R A N C E



Banque BCP

Suivez-nous sur



Tratado de amizade entre Paris e Lisboa foi assinado há 20 anos

Fernando Medina veio a Paris encontrar-se com Anne Hidalgo

05

03 Política.

Jean-Luc Mélançon foi a Lisboa para criar um movimento conjunto do France Insoumise com o Bloco de Esquerda e o Podemos espanhol

05 Incêndios.

A municipalidade de Fontenay-sous-Bois doou 53.000 árvores à autarquia de Marinha Grande, para ajudar a replantar o Pinhal de Leiria

07 Guerra.

A associação O Sol de Portugal organizou em Pessac uma cerimónia de homenagem aos soldados portugueses que morreram na Grande Guerra

09 Ensino.

A Conselheira municipal de Bordeaux, Ana Maria Torres, queixa-se da falta de professores de português no ensino primário na região de Bordeaux



Concerto de Tito Paris na La Cigale, em Paris

Cantor luso-caboverdiano deu entrevista ao LusoJornal

11



Portefeuille de biens immobiliers - Bonnes affaires

INVESTIR DANS L'IMMOBILIER CGD, C'EST INVESTIR EN TOUTE CONFIANCE.

Vous souhaitez faire l'acquisition d'un bien immobilier au Portugal ? Découvrez le portefeuille de biens immobiliers que nous vous proposons, à des prix très compétitifs, via Caixa Imobiliário.⁽¹⁾ Consultez la liste des biens immobiliers du Groupe CGD en agence et sur www.cgd.fr



(1) Caixa Imobiliário S.A. - Av. João XXI, 63 - 1000-300 Lisboa - Portugal. Acquisition de biens immobiliers destinés à la revente; promotions immobilières et locations. Société Anonyme enregistrée sous le n°509206298.

Caixa Geral de Depósitos, S.A. • Succursale France - Banque • 38, rue de Provence - 75009 PARIS • Téléphone 01 56 02 56 02 • Fax 01 56 02 56 01 • Mandataire d'assurance lié immatriculé au Portugal à l'ASF sous le n° 207186041, notifié à l'ORIAS en tant qu'intermédiaire d'assurance en libre établissement en France • Siren 306 927 393 RCS Paris • APE 6419Z • Ident. Intracommunautaire FR 88 306 927 393 • Siège Social: Av. João XXI, 63 - 1000-300 Lisboa, Portugal • Capital Social € 3 844 143 735 [www.cgd.pt] • CRCL et NIPC n.º 500 960 046 • Jacek_Sopotnicki/Getty Images • Document non contractuel.



Opinião de Paulo Pisco, Deputado (PS) eleito pelo círculo eleitoral da Europa

La Lys, um gesto de reparação

Finalmente, as cerimónias evocativas do Centenário da Batalha de La Lys tiveram uma dimensão reparadora, com a presença dos Presidentes da República da França e de Portugal, Emmanuel Macron e Marcelo Rebelo de Sousa, do Primeiro Ministro António Costa, de Ministros, Deputados e autoridades militares dos dois países. E, claro, com uma expressiva participação da Comunidade portuguesa em França, que sempre tem estado presente de forma ativa para que não se desvança a memória daquele dia dramático de 9 de abril de 1918 para o Corpo Expedicionário Português. Como disse Emmanuel Macron, La Lys foi para Portugal, o que Verdun foi para a França, onde sofreram das maiores baixas durante a I Grande Guerra. Fruto das vicissitudes das conjunturas políticas e dos contextos ideológicos, a Batalha de La Lys tem sido relegada para um canto quase esquecido da história, tanto em Portugal como em França, felizmente agora reavivada com a celebração do seu Centenário, em que, pela primeira vez, houve uma participação institucional ao mais alto nível, que dignifica e reconhece o esforço valeroso dos soldados portugue-

ses na I Grande Guerra, em condições muito duras e difíceis. Não estão em causa questões de insucesso ou de estratégia militar, nem tão pouco a dimensão do massacre, dado que num curto espaço de tempo cerca de 7 mil soldados perderam a vida, ficaram feridos ou foram feitos prisioneiros. Trata-se tão só da necessidade de todos aqueles que deram a vida por Portugal, pela França e pela Europa, em nome da paz e contra uma agressão externa, poderem ser reconhecidos publicamente e sem vergonha. Um gesto importante para os seus familiares e descendentes, que desde sempre têm esperado por um reconhecimento institucional à altura do esforço e sacrifício que fizeram. Os soldados portugueses e os seus descendentes merecem que a sua memória seja honrada e que haja um reconhecimento claro de ambos os Estados e de povos. O facto de ter sido a maior tragédia militar portuguesa depois de Alcácer Quibir, como referiu Marcelo Rebelo de Sousa, não é motivo para esse momento ser atirado para o esquecimento, como se se pretendesse ocultar essa página negra da nossa



história militar. Nem tão pouco a relatividade das perdas portuguesas, já que na Primeira Grande Guerra o número de mortos foi de 10 milhões e o de feridos 20 milhões, tendo a França perdido perto de um milhão e meio de soldados e mais de 4 milhões ficaram feridos. Porque estamos a falar de pessoas que certamente não entendiam muito bem o sentido de irem combater para França, mas foram e estiveram na linha da frente, tendo ficado o dia 8 de abril como o mais trágico da participação portuguesa na Grande Guerra que, apesar das pesadas baixas num curto espaço de tempo, nem por isso o seu sacrifício e coragem deixaram de ser relevantes para contribuírem para atrasar a progressão das tropas

invasoras.

Foi isso mesmo que o Presidente Macron reconheceu ao pôr em evidência a «amizade sólida e profunda» que liga a França e Portugal, que as instituições e ambos os povos têm a obrigação de reconhecer e tudo fazer para que se consolide ainda mais. «Uma amizade profunda e sólida, cimentada por milhares de Portugueses e Franceses de origem portuguesa cuja energia e trabalho fortificam a nossa nação diariamente, cimentada por este sangue vertido, por estes jovens que aqui vieram defender a nossa liberdade e a nossa Europa», disse Emmanuel Macron precisamente no Cemitério Militar Português de Richeburg, diante das campas dos soldados portugueses. E com efeito, que amizade mais

forte pode haver do que aquela que se constrói por quem dá a vida por ela? Ano após ano, muitos Portugueses e seus descendentes, familiares de combatentes, têm marcado presença nas cerimónias que se desenrolam em Richeburg e em La Lys. Fazem-no com o dever de memória estampado no rosto, com a determinação de quem está a cumprir uma obrigação, por mais que a presença dos poderes públicos seja relativamente pouco significativa para a dimensão histórica e o significado que tem a Batalha de La Lys. Merecem, por isso, um elogio muito especial os membros da Comunidade portuguesa que nunca desistiram de rumar a Pas-de-Calais, a antiga Flan-des francesa, para honrar os soldados portugueses, os seus familiares, os seus descendentes, há tanto tempo à espera de um gesto substantivo, que lhes conforte o orgulho e o amor próprio, que dignifique os seus antepassados e as suas pátrias. É por todas estas pessoas que o reconhecimento reparador é muito importante. E é por todas estas pessoas que é necessário manter vivo o reconhecimento e o respeito de quem deu a vida numa guerra.

CCP/Europa quer uma política de combate às assimetrias sociais e económicas

Por Luísa Semedo (Presidenta) e Amadeu Batel (Secretário)

O Conselho Regional da Europa (CRE) ao abrigo da Lei nº66-A/2007, de 11 de dezembro do Conselho das Comunidades Portuguesas, nomeadamente do artigo 2º respeitante às suas competências vem, por este meio e por iniciativa própria, produzir informações, emitir pareceres e formular propostas e recomendações.

O Conselho Regional da Europa - dentro do espírito da Plataforma de Ação Comum para o Triénio (PAC) 2017-2019 redigida pelo CRE e aprovada na reunião do Conselho Regional da Europa em Lisboa, dia 3 de março de 2017 - defende a Igualdade de Direitos Sociais e Económicos através de uma política de integração estrutural norteada por uma cidadania inclusiva de combate às assimetrias sociais e económicas. As questões relativas às situações de precariedade e exclusão vividas pela(o)s Portuguesa(e)s e Lusodescendentes, na Europa, são uma das principais preocupações deste Conselho Regional.

O Conselho Regional da Europa alerta para as situações de precariedade, de exclusão e de desigualdade no acesso ao trabalho, habitação, educação e saúde da(o)s Portuguesa(e)s residentes no estrangeiro. A retórica dos emigrantes de su-

cesso, o ênfase dado ao triunfo dos Portugueses «self-mademan», empresários/investidores da diáspora, nos discursos políticos, não deve encobrir as situações de precariedade e exclusão em que vivem tanta(o)s da(o)s nossa(o)s compatriotas. A(o)s Conselheira(o)s são, regularmente, confrontada(o)s com pedidos de Portuguesa(e)s em situação de pobreza, nomeadamente os mais idosos por auferirem reformas muito baixas, as mães solteiras, as pessoas com deficiência e homens em situação de isolamento social e vítimas de exploração laboral. A situação da chamada «nova vaga» de emigração, resultante dos anos de crise em Portugal, trouxe até nós uma vaga de milhares de cidadã(o)s nacionais com poucos recursos económicos, que não falam a língua do país de acolhimento nem compreendem os seus códigos, práticas e leis, são pessoas que ao abandonarem a sua zona de conforto não possuem uma rede familiar ou de amizade que os possam auxiliar. Alertamos ainda para o caso da(o)s Portuguesa(e)s falecida(o)s no estrangeiro cujas famílias têm dificuldades económicas para poderem ser sepultada(o)s tanto no país de residência como em Portugal. Alertamos, também, para a exploração laboral de que são vítimas muita(o)s Portuguesa(e)s, que vêm para o estrangeiro ludibriada(o)s por falsos

anúncios que prometem salários e condições que depois não se verificam. É de referir que muitos desses casos são da responsabilidade, ou querem a cumplicidade, de outra(o)s Portuguesa(e)s. Temos, inclusive, a deplorar situações que se assemelham a escravidão moderna. Existe para estes casos uma verdadeira falta de informação e de estrutura capaz de receber e solucionar estes problemas. É necessário compreender que há de facto uma continuidade entre Portugal e a diáspora e que as condições económicas e sociais influenciam diretamente a vida da(o)s Portuguesa(e)s no exterior, nomeadamente no fluxo de saídas de país e nas reticências ao regresso. Muita(o)s gostariam de regressar, mas não têm confiança nas condições económicas que vão encontrar ou ainda no acesso a um sistema de saúde eficaz.

Para além disso, os números sobre as remessas dos emigrantes não devem servir para justificar uma má apreciação das condições de vida da(o)s Portuguesa(e)s no estrangeiro. Devem servir para fazer a demonstração do nosso contributo essencial para a economia do país, historicamente sem qualquer contrapartida inserida nas políticas para as Comunidades, mas não devem ser utilizadas, para passar a ideia estereotipada de que «os emigrantes são abastados», e vivem sem dificuldades, pois, não somente muitos enviam dinheiro para Portugal para

ajudar a família, mas também vivem de forma humilde para o poder fazer ou para assegurar uma reforma que poderá ser muito baixa, tendo em conta trabalhos que não foram declarados à segurança social por patrões corruptos e desonestos.

A questão da precariedade e exclusão é de grande relevância e acuidade para este Conselho Regional, tendo em conta que o que está aqui em causa toca direitos tão primordiais e básicos como o abrigo, a alimentação e a saúde. É, portanto, da mais alta importância que esta questão seja tratada de forma prioritária pelas autoridades portuguesas.

O Conselho Regional da Europa propõe ao Governo:

- Promover junto dos países de residência o direito à qualidade de vida de todos a(o)s cidadã(o)s nacionais através da adoção de acordos bilaterais e, no plano interno, a aprovação de Planos de Diversidade que lhes garantam os mesmos direitos sociais e laborais oferecidos a(o)s nacionais dos países de residência;
- Reformular os programas ASIC e ASEC para que estes possam dar resposta mais eficaz e abrangente às situações da(o)s idosa(o)s e Portuguesa(e)s carenciada(o)s;
- Propor e promover a revisão de acordos internacionais de Segurança Social, com vista a reforçar a proteção social de trabalhadora(e)s e suas famí-

lias;

- Proceder a uma ampla divulgação dos direitos da(o)s Portuguesa(e)s a residir e a trabalhar na Europa em termos laborais, fiscais ou de direito de pensão;
- Acompanhar os casos de falecimento da(o)s Portuguesa(e)s no estrangeiro e o seu enterro no país de residência ou em Portugal e o seu repatriamento, e incentivar a inclusão deste tipo de serviços nos contratos de seguro sem aumento de custos para a(o)s assegurada(o)s;
- Apoiar as associações de cariz solidário que são muitas vezes o primeiro socorro em questões de apoio social e económico, como rendas, alimentação, roupa, calçado e na ajuda administrativa e social, nomeadamente no que diz respeito a questões de solidão das pessoas em situação de vulnerabilidade como as pessoas idosas, hospitalizadas ou detidas;
- Prever medidas de apoio à(o)s Portuguesa(e)s no Reino Unido que, devido ao Brexit, poderão encontrar-se em situação de maior vulnerabilidade no que diz respeito à exploração e discriminação, que resultará numa maior precariedade social e laboral;
- Oferecer a toda(o)s a(os) Portuguesa(e)s e Lusodescendentes que queiram regressar a Portugal as condições necessárias a uma rápida e harmoniosa reinserção na sociedade portuguesa.

➔ Com o Bloco de Esquerda e o Podemos espanhol

Jean-Luc Mélenchon esteve em Lisboa para lançar um movimento político europeu «Agora, o povo»

Os três partidos Bloco de Esquerda (Portugal), Podemos (Espanha) e France Insoumise (França), lançaram em Lisboa um movimento político europeu «Agora, o povo».

«O Bloco de Esquerda juntamente com o Podemos e com a França Insoumise dá hoje o passo para a criação de um movimento político europeu que ofereça uma alternativa aos nossos povos em relação aos tratados que estão hoje a impor tantas dificuldades aos vários países europeus», disse Catarina Martins aos jornalistas, em conferência de imprensa, ladeada pelos líderes dos partidos Podemos e França Insoumise, Pablo Iglesias e Jean-Luc Mélenchon, respetivamente.

Os três líderes partidários assinaram «a declaração de Lisboa por uma revolução cidadão na Europa» uma vez que acreditam, disse a Coordenadora bloquista, ser «possível uma nova cooperação europeia, diferente dos moldes em que tem existido e que possa pôr no centro a vida das pessoas».

«A União Europeia tem tratados que põem as prioridades de perna para o ar. Oferecer uma alternativa concreta, que põe as pessoas no centro. Agora, o povo. E que chama para construir essa



Lusa / António Pedro Santos

alternativa forças políticas dos vários países europeus, movimentos sociais, todas as pessoas que não desistem de um futuro com dignidade dos nossos países», justificou.

Catarina Martins defendeu a necessidade de um Europa que «em vez de pôr a finança e o sistema financeiro no lugar primordial de todas as decisões europeias, possa colocar questões tão estratégicas como essenciais aos nossos povos como o acesso à saúde, à escola, à habitação, o investimento

público necessário aos setores estratégicos da economia para que possa existir emprego».

«A União Europeia tem estado numa espiral de degradação das condições da sua democracia social. Aqui estamos três forças políticas do Sul da Europa empenhadas em, conjuntamente, criarmos uma nova cooperação europeia, que em lugar de retirar soberania aos povos, ponha a resposta aos povos no centro da política», enfatizou.

A líder bloquista deu o exemplo de Por-

tugal, onde apesar da vida ter melhorado, as pessoas «perguntam-se todos os dias se tem sentido dar tanto dinheiro aos bancos e depois faltar tudo nos nossos hospitais ou nas nossas escolas».

«Este movimento cria-se hoje aqui, com estas três forças políticas, e a ideia é essa mesmo: alargar a outros países e outros partidos», garantiu.

Por toda a Europa, prosseguiu Catarina Martins, «há forças que se organizam para dar uma alternativa de cooperação».

«E o que este movimento cria é o espaço para o encontro dessas forças políticas, para criarmos alternativas concretas, credíveis, de organização no seio da Europa que possam respeitar os nossos povos», concretizou. Pablo Iglesias disse que o Podemos estava muito feliz por poder dar este «passo em frente para defender uma Europa que se fundamente na justiça social, nos direitos sociais, humanos e civis».

«No próximo ano teremos eleições europeias e vamos trabalhar desde aí - e não só - para construir uma nova Europa que dê dignidade e soberania e aos seus povos. É importante assinalar

o fracasso das políticas europeias fundamentadas naquilo que alguns chamaram austeridade», disse.

As políticas neoliberais, condenou o líder do partido espanhol, «estão a destruir os consensos antifascistas que deram origem ao que para muitos cidadãos - especialmente para os do Sul europeu - foi a chave de que a Europa poderia ser um projeto atrativo»: a prosperidade económica, a justiça social e garantias sociais mínimas. Já Jean-Luc Mélenchon escolheu dizer as primeiras palavras em castelhano para que se ouvisse que não se falava em inglês «pela primeira vez numa reunião internacional».

Para o líder do partido francês, «é um dia de alegria» a assinatura deste manifesto, que «resume as ideias essenciais» do que move estes três partidos, que é criar uma alternativa na Europa, cujo projeto «tem convulsões inquietantes».

Mélenchon deixou «uma palavra de alerta» pela Europa se estar a dirigir para a guerra devido à questão da Síria, advertindo que a França, pela primeira vez em muitos anos, tem tropas estacionadas na fronteira da Rússia.

➔ Ministro Augusto Santos Silva

«Ajuda absolutamente essencial» de Marcelo na aproximação às Comunidades

O Ministro dos Negócios Estrangeiros português afirmou ontem que o Presidente da República tem prestado «uma ajuda absolutamente essencial» para aproximar Portugal das suas Comunidades residentes no estrangeiro, que se tornaram «centrais» na política do Ministério.

Em entrevista à Lusa a propósito do lançamento do livro «Argumentos Necessários», que reúne textos seus sobre a política europeia e externa de Portugal, Augusto Santos Silva afirmou como cumprido um dos objetivos do Governo sobre a emigração portuguesa: «Ter Portugal o mais próximo possível das suas Comunidades».

«A ajuda do senhor Presidente da República tem sido absolutamente essencial. Onde quer que o Presidente da República vá, tem uma relação tão direta, tão afetiva, tão profunda, tão genuína com as Comunidades portuguesas, que representa bem o enorme elo que existe entre Portugal e os Portugueses que vivem no estrangeiro», considerou.

Além disso, Santos Silva destacou o

«trabalho absolutamente notável» do Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, José Luís Carneiro, «do ponto de vista da proximidade junto dos compatriotas que estão a sofrer, com problemas ou em perigo em qualquer parte do mundo», recordando os Portugueses que atravessam dificuldades devido à crise política e social na Venezuela, os afetados no ano passado pelo furacão Irma, nas Caraíbas, ou as vítimas portuguesas de ataques terroristas.

Por outro lado, «o país conseguiu tornar mais visível a nova migração portuguesa», tarefa para a qual contribuiu o Conselho da Diáspora, lançado por iniciativa do então Presidente Cavaco Silva, e a promoção das redes de pós-graduados portugueses nos Estados Unidos, Reino Unido, França, Alemanha ou Benelux. Santos Silva também apontou a forma como, nos anos mais recentes, «mudou a imagem circunstancial do país».

Os Portugueses, considerou, passaram a ser «reconhecidos pela sua re-



Lusa / André Kosters

siliência».

«Isso é muito reconhecido a Portugal: o que fizemos durante o período mais difícil da crise e a forma como conseguimos resistir, sem convulsão social, sem convulsão política, sem que o sistema de partidos se desmoronasse e sem que houvesse um pôr em questão significativo da nossa identidade europeia», lembrou.

Além disso, Portugal conquistou «uma voz mais ouvida e mais influente na Europa» por «mostrar que havia várias políticas possíveis para chegar aos mesmos objetivos», referiu.

O país que elegeu em 2016 o antigo Primeiro Ministro António Guterres como Secretário-geral das Nações Unidas e, no ano passado, o Ministro

das Finanças como Presidente do Eurogrupo, também conseguiu «consolidar a sua imagem tradicional de construtor de pontes», defendeu o Chefe da diplomacia portuguesa.

«Portugal tem construído uma posição na cena internacional que o torna num país em que as pessoas pensam quando na cena internacional é preciso desempenhar cargos ou funções de reunião, de convergência, de articulação, de intercomunicação», disse, fazendo eco de palavras do Presidente português.

É assim, também, que o Governo português justifica a candidatura do antigo Ministro e Comissário europeu António Vitorino a Diretor da Organização Internacional para as Migrações (OIM), cuja eleição decorre em junho. «Entendemos que este ano em que estamos a discutir o pacto global sobre as migrações, esta eleição do novo Diretor deve ser uma oportunidade para dar à OIM um protagonismo e uma relevância política maiores, e entendemos que António Vitorino dá garantias para isso».

• PUB

PORTUGUESES
RESIDENTES NO ESTRANGEIRO

A sua casa é onde está o seu coração.

Connosco sente-se em casa



Conheça as nossas **Soluções de Crédito Habitação** para si.

Paris:
28, RUE 4 SEPTEMBRE
75002 PARIS
Telephone: 0 33 140 06 04 88
e-mail: erparis@santandertotta.pt

Lyon:
32, AV. JEAN JAURÉS
69007 LYON
Telephone: 0 33 478 92 42 50
e-mail: erlyon@santandertotta.pt

Santander Totta

→ Líder Parlamentar do PCP esteve em Paris

João Oliveira: «Não temos objeção de princípio ao voto eletrónico»

Por Carlos Pereira

O Líder da bancada parlamentar do Partido Comunista português, João Oliveira, Deputado eleito pelo círculo eleitoral de Évora, esteve em Paris para evocar o 25 de Abril e para comemorar os 97 anos do PCP.

O evento teve lugar na sede da Secção local do PCF em Paris 20. Durante a tarde houve uma intervenção de João Oliveira, seguido de um momento musical e da projeção do filme «5 dias, 5 noites».

Em Paris, o Deputado teve encontros com os Conselheiros das Comunidades portuguesas e com os dirigentes da Santa Casa da Misericórdia de Paris.

João Oliveira aceitou dar uma entrevista ao LusoJornal.

Está atualmente em discussão na Assembleia da República uma proposta do Governo que visa automatizar - sem porém o tornar obrigatório - o recenseamento eleitoral dos Portugueses residentes no estrangeiro. Como se vai posicionar o PCP face a esta questão?

Na apreciação de fizemos às duas Propostas de Lei, uma das questões que sinalizámos tinha a ver com um aspeto que nos parecia relevante, que era o facto de garantir que os próprios cidadãos teriam alguma intervenção neste processo, não tornando o processo automático ao ponto de sobrepor-se à própria expressão de cada um dos cidadãos, nomeadamente em relação ao local do seu recenseamento.

Repare, isso é o que acontece agora. Como o recenseamento não é obrigatório, nem é automático, é o cidadão que tem de tomar a iniciativa de recensear-se...

Nós não nos opusemos à existência de um cariz automático, pensamos é que ele não pode dispensar alguma manifestação de vontade por parte do cidadão relativamente à localização do recenseamento onde ele é feito e isso, de resto, foi um elemento que foi tido em consideração pelo Partido Socialista, que aliás há pouco tempo apresentou uma proposta de alteração que nós, numa primeira apreciação que fizemos, julgamos que acaba por corresponder a essa questão que foi sinalizada pelo PCP que era a de evitar essa objeção de tornar absolutamente automático a localização do recenseamento dispensando qualquer manifestação de vontade por parte dos cidadãos e portanto a proposta que o Partido Socialista apresentou acaba por corresponder, de certa forma a esta objeção que o PCP fez e penso que ela terá condições para ser aprovada, ultrapassando essa objeção e permitindo no momento da renovação do Cartão do Cidadão os cidadãos possam expressar a sua vontade. No momento da renovação do Cartão do Cidadão, passa a ficar automático o novo recenseamento e a anular o recenseamento anterior se ele existir. A nós parece-nos que é uma solução que pode ultrapassar este problema e que pode permitir uma maior aproximação do recenseamento eleitoral,



LusoJornal / Carlos Pereira

não apenas à vontade dos eleitores mas à própria realidade da constituição dos círculos eleitorais.

E porque razão para o PCP, um Português que more em Portugal não necessita de manifestar essa vontade e um Português que more no estrangeiro já tem de a manifestar? Porquê esta discriminação? Para o PCP, o que justifica esta diferenciação entre um Português que more dentro e outro que more fora de Portugal?

Julgo que não há diferença do ponto de vista da capacidade eleitoral e do exercício da sua cidadania. Há um problema com a introdução de mecanismos automáticos desta natureza porque a constituição de um universo eleitoral - e nós temos visto isso frequentemente não apenas com o Português fora do país mas também com o Português residente no país - há por vezes circunstâncias que por força de outra natureza, por razões fiscais, por exemplo, em que a automaticidade do recenseamento acaba por criar problemas, aliás isso tem sido identificado em variadíssimas circunstâncias.

O voto eletrónico não está nas vossas perspetivas?

O voto eletrónico é outra matéria controversa. E é uma matéria controversa global de todo o sistema eleitoral, não apenas em relação aos Portugueses residentes no estrangeiro, mas em relação às próprias condições de realização dos atos eleitorais dentro do território nacional. As experiências internacionais que existem em relação ao voto eletrónico suscitam muitíssimas dúvidas, não apenas às condições de democraticidade do ato eleitoral, com circunstâncias de manipulação que são mais evidentes com a utilização do mecanismo eletrónico, mas até com as próprias condições de preservação da privacidade e do secretismo do ato eleitoral. Na perspetiva do PCP, o problema do voto eletrónico é um problema mais fundo e que suscita maiores dúvidas do que todos estes que estivemos a referir anteriormente. E estas dúvidas colocam-se de uma forma mais geral em relação ao voto eletrónico. Já houve aliás, há

uns anos atrás, na Primeira Comissão da Assembleia da República uma discussão em que se tentou fazer direito comparado, a partir das experiências internacionais que existem, como é que as condições funcionam, como é que tudo isso é feito. E as dúvidas não ficaram afastadas.

Então não há objeção de princípio por parte do PCP?

Da nossa parte não há objeção de princípio em relação aos mecanismos de voto eletrónico. Aliás, a primeira votação de eleição eletrónica que foi feita em Portugal com registo e validação pelo STAP, o Secretariado técnico de apoio ao sistema eleitoral, por via da Comissão nacional de eleições, validada por todas as entidades competentes, foi a eleição do Comité Central do PCP no Congresso de 2004. Como isto comprova, nós não temos nenhuma objeção de princípio em relação à utilização destes mecanismos. As dúvidas que estes mecanismos suscitam são dúvidas que nós também não julgamos que não possam ser ultrapassadas.

Imagine que o recenseamento dos Portugueses residentes no estrangeiro passe a ser automático, de uma só vez, ou gradualmente como propõe o PCP, à medida que os cidadãos renovarem o Cartão do Cidadão. O universo eleitoral vai passar de 250 mil para 1.300 mil. Este é o número do Governo, porque são os cidadãos que têm Cartão do Cidadão com morada no estrangeiro. Ora, em Portugal, os círculos eleitorais dependem do número de eleitores, mas nos dois círculos da emigração, não. Isto é, nós somos Portugueses de segunda, não temos o mesmo «valor» eleitoral. Podemos ser 250 ou mais de um milhão, mas teremos sempre 4 Deputados pela emigração. Acha isto democrático?

Vou colocar-lhe a questão da forma como eu acho que verdadeiramente ficava resolvido o problema. Acompanha-nos na defesa de um sistema proporcional puro? Ou seja, a questão que me está a colocar tem um problema de raiz, que é o carácter injusto do método de Hondt e da distribuição

de mandatos num sistema eleitoral por via de círculos eleitorais...

Não. Esta questão não tem nada a ver com o método de Hondt porque o método de Hondt aplica-se aos círculos eleitorais em território nacional, mas não se aplica aos dois círculos eleitorais da emigração.

Eu estou a suscitar esta questão porque? Porque julgo que os problemas da desproporcionalidade do nosso sistema eleitoral vão para além desse, vão para outros planos. O facto de nós termos um sistema eleitoral baseado numa distribuição de Deputados por círculos de acordo com o método de Hondt é, ele próprio, em si, um sistema injusto. E portanto, não me parece que a questão fique resolvida apenas pela aplicação do método de Hondt de forma integral a todos os círculos de eleição. De resto, esta reflexão que nós temos feito, já não é de agora, a nossa Constituição obriga a uma distribuição dos mandatos a eleger...

Nos outros círculos eleitorais, não nestes dois, insisto.

Mas o problema de fundo está aí. A injustiça não se resolve aplicando um critério injusto, que continua a ser injusto, a toda a gente.

Certo, até pode pôr um método mais proporcional em Portugal, mas se guardar estes dois círculos eleitorais bloqueados a 4 Deputados, o nosso «problema» não muda absolutamente nada. Continua a ser uma distribuição de Deputados injusta e discriminatória.

Deixe-me tentar colocar a questão de uma forma provavelmente mais evidente. Porque é que os votos dos Portugueses residentes no estrangeiro que não sirvam para eleger Deputados nesses círculos eleitorais, não são tidos em conta na eleição? Vamos fazer um exercício especulativo, ultrapassando esse problema e adequando a representação dos círculos eleitorais da emigração à sua representatividade do ponto de vista eleitoral. Todos os votos que sejam expressos que não consigam eleger Deputados por esses círculos, são tidos como se não exis-

tissem. Isso é justo? Porque é que a voz dos cidadãos e de alguns eleitores ha de ser tido em consideração e a de outros não? Porque é que nós não havemos de criar um sistema proporcional, de círculo único, onde todos os votos contem, e onde nenhuns sejam desconsiderados? Por exemplo, os círculos eleitorais que elegem dois Deputados, com exceção dos votos que servem para eleger aqueles dois Deputados, todos os outros votos são desconsiderados. Este é o problema de fundo que nós continuamos a ter no nosso sistema eleitoral e ele pode ser resolvido. Aliás, já agora, a aplicação destes sistemas, implica que se afaste definitivamente a lógica dos círculos uninominais. Nesses então, o desperdício de voto, a desconsideração do sistema eleitoral dos cidadãos ainda é maior.

Compreendeu que não está a responder à minha pergunta. A minha pergunta era porque razão há dois círculos eleitorais que são diferenciados e aos quais não se aplicam as mesmas regras de proporcionalidade, boas ou más, que se aplicam em todos os outros círculos eleitorais. Porque é quem os emigrantes têm de ser à parte?

A minha resposta é prisioneira de uma injustiça que, em função de ser maior ou menor, possa aparecer como boa. E na minha opinião, em nenhuma circunstância, a injustiça que se faz em relação a alguns cidadãos eleitores de desconsiderar a sua opção eleitoral em relação a outros, em nenhuma ocasião isso é uma boa solução. Seja ela mais injusta ou menos injusta. Repare, o método de Hondt é um método que existe para garantir a formação de maiorias absolutas, ora isto é a formação de maiorias absolutas no quadro de quem é eleito, mas quando se utiliza o método de Hondt também para distribuir mandatos, acrescenta-se uma segunda injustiça a esta que é quem mais população tem, mais capacidade eleitoral tem. Esta injustiça perpetuar-se-á se o sistema não for corrigido.

Vamos lá resumir: o PCP estaria disponível para aplicar o mesmo método proporcional em todos os círculos eleitorais? Incluindo os da emigração?

Se a lógica for essa de aprofundar a proporcionalidade a consideração de fundo que temos, é essa, de garantir que todas as expressões de voto contem. Quando estava a levantar este problema em relação aos obstáculos materiais que continuam a existir relativamente à expressão da vontade de alguns dos Portugueses residentes no estrangeiro, esse é um elemento fundamental de crítica relativamente à democraticidade do ato. Nós defendemos um sistema que não saia do catéter presencial do voto e que caminha no sentido de acentuar a proporcionalidade. Obviamente que tudo o que forem soluções contrárias a estas não correspondem à perspetiva que o PCP defende.

Leia a entrevista completa em: <https://lusojournal.com>

➔ Fernando Medina esteve em Paris com Anne Hidalgo

20 anos do Tratado de Amizade entre Paris e Lisboa

Por Luísa Semedo

Dia 20 de abril, o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Fernando Medina, e a Presidente da Câmara Municipal de Paris, Anne Hidalgo, assinaram na capital francesa um texto sobre os 20 anos do Tratado de Amizade Paris-Lisboa.

Este Tratado, assinado há 20 anos por João Soares e Jean Tiberi, os Presidentes de Câmara da altura, foi assim reiterado através da assinatura conjunta de Medina e Hidalgo do texto que o LusoJornal reproduz na íntegra:

«Celebramos, este ano, o 20º aniversário da assinatura do Acordo de Amizade e Cooperação, símbolo dos laços e da relação histórica existentes entre as cidades de Lisboa e Paris.

Esta comemoração é uma oportunidade para reafirmar os valores partilhados entre as duas capitais e os princípios da liberdade, justiça, tolerância e de abertura. Num momento, em que as cidades estão na linha da frente para combater os desafios da atualidade, Paris e Lisboa estão empenhadas ativamente em desenvolver políticas de combate às alterações climáticas, à poluição atmosférica, para serem cidades mais sustentáveis, inovadoras, resilientes, solidárias e abertas a todos os que aí procuram refúgio.

Esta efeméride é igualmente uma oportunidade para relembrar a proximidade e os laços especiais que unem as duas cidades, os seus munícipes e os seus artistas que se exprimirão também através de um programa cultural cruzado, ao longo dos próximos meses, quer em Lisboa, quer em Paris».



LusoJornal / Luísa Semedo

Para além da assinatura do texto, os dois autarcas apresentaram à imprensa o Programa das Comemorações dos 20 anos do Acordo que irá consistir numa série de eventos nas duas capitais, para além de uma grande festa no verão, da qual ainda se aguarda a data por questões de autorização da Prefeitura tendo em conta as medidas «vigipirate» em vigor.

Das iniciativas já anunciadas é de destacar, em Paris, a programação do Festival «Chantiers d'Europe» com um concerto do fadista Camané e a cantora e realizadora Agnès Jaoui, dia 14 de maio, às 21h00, no Espace Cardin, e uma exposição de fotografia de Estelle Valente, em data a anun-

ciar, o Festival «Parfums de Lisbonne», de 2 de junho a 31 de julho, e ainda uma exposição de Rui Chafes e Alberto Giacometti de 3 de outubro a 16 de dezembro na Delegação de Paris da Fundação Calouste Gulbenkian.

Em Lisboa, destaca-se a apresentação da peça «Estado de Sítio» de Albert Camus, encenada por Emmanuel Demarcy-Mota, dias 14 e 15 de julho, no Teatro Municipal São Luiz, um concerto dos 20 anos de Amizade em setembro, na Praça do Município, e a Festa do Cinema Francês em outubro, no cinema São Jorge.

Em conferência de imprensa conjunta, Anne Hidalgo declarou que Portugal é um país ao qual se deve estar atento visto ter sido confrontado com

uma grave crise económica e ter conseguido progredir em termos de crescimento e de coesão e proteção social, de desenvolvimento em questões ambientais, e de vanguardismo na revolução digital, elogiando o trabalho do antecessor de Fernando Medina na Câmara de Lisboa, o atual Primeiro Ministro António Costa.

Fernando Medina salientou o facto de a capital francesa ser habitada por uma forte Comunidade portuguesa e que em Lisboa também se constatou um aumento consequente do número de Franceses a residir na capital. Fernando Medina defendeu, ainda, que é nas cidades que os desafios ambientais, de mobilidade e energéticos se podem perder ou ganhar e elogiou o trabalho da sua homóloga parisiense nessas matérias.

Foram, ainda, abordadas as questões de alojamento das classes populares e classes médias, e ambos os autarcas mostraram-se preocupados com a situação atual e defenderam as medidas de limitação ao alojamento local e de construção de alojamentos sociais que estão a ser implementadas. Em conclusão, Anne Hidalgo, declarou que gosta de Lisboa, que é uma cidade inspiradora e que é sempre com satisfação que visita a capital de Portugal e que é um prazer trabalhar com Fernando Medina.

O autarca de Lisboa ofereceu, pela ocasião, a Anne Hidalgo, um lenço com a figura de Santo António, padroeiro de Lisboa, uma criação de Maria-Theresa Mimoso, ex-estilista de Amália Rodrigues, e a autarca de Paris ofereceu uma fotografia, a preto e branco, emoldurada, das margens do sena, de autor desconhecido, a Fernando Medina.

Dirigentes associativos de Lyon visitaram o Parlamento português



Na segunda-feira dia 16 de abril, uma delegação de dirigentes associativos da região de Lyon foi recebida na Assembleia da República pelo Deputado eleito pelo círculo eleitoral da Europa, Carlos Gonçalves.

A delegação foi presidida pelo Conselheiro das Comunidades Portuguesas eleito em Lyon, Manuel Cardia Lima, e integrava o Presidente da Associação Portuguesa de Décines Fernando Ribeiro, o Presidente da Associação Portuguesa de Saint Priest Jaime Barros, assim como o empresário Paulo Valentim, dirigente da empresa Mondexport Lojas Nosso.

Esta comitiva deslocou-se de Lyon a Lisboa para assistir ao jogo de futebol entre o Benfica e o FC Porto, no domingo, e acabou por visitar o Parlamento português a convite do Deputado Carlos Gonçalves.

Carlos Gonçalves acompanhou a delegação durante a visita e explicou o funcionamento da Assembleia da República.

«Foi um momento muito agradável que todos apreciaram» disse ao LusoJornal o Conselheiro das Comunidades Manuel Cardia Lima.

A seguir à visita encontraram-se para falar de questões relacionadas com as associações portuguesas da região de Lyon e sobre as atividades que estão programadas nas respetivas coletividades. Aproveitaram aliás para convidar o Deputado português a participar em algumas destas atividades.

Manuel Cardia Lima abordou assuntos relacionados com a Comunidade portuguesa, no final agradeceu o convite e «a maneira como foram recebidos». O Conselheiro das Comunidades mostrou-se disponível para acompanhar o Deputado Carlos Gonçalves numa próxima visita à área consular de Lyon.

Samantha Cazebonne reeleita Deputada

Samantha Cazebonne, da «République en Marche», o Partido de Emmanuel Macron, voltou a ser eleita Deputada pelo 5º círculo eleitoral dos Franceses no estrangeiro, que inclui Portugal, Espanha, Andorra e Mónaco. A segunda volta teve lugar no domingo passado.

Mairie de Fontenay-sous-Bois doa 53 mil árvores ao Pinhal de Leiria

O Município de Fontenay-sous-Bois (93) doou 53 mil árvores ao Pinhal de Leiria, o número dos seus habitantes, no âmbito de um protocolo com a Câmara da Marinha Grande que contempla a reflorestação daquela mata destruída por um incêndio em 2017. À margem de uma reunião de trabalho entre os dois municípios, que formalizaram a geminação em 6 de outubro de 1984, a Presidente da autarquia da Marinha Grande, Cidália Ferreira, destacou a solidariedade do município francês. «Aquilo que mais sentimos é a solidariedade que houve da parte de Fontenay-sous-Bois», declarou à Lusa a autarca, destacando o facto de cada exemplar representar um habitante do município francês.

Cidália Ferreira reconheceu que este gesto «sensibiliza imenso». «Tem esse valor duplo, o valor da árvore, mas sabendo que cada uma das pessoas que habita em Fontenay-sous-Bois tem aqui uma árvore plantada no nosso Pinhal do Rei», adiantou.

A Presidente da Câmara referiu ainda que no talhão 256, onde já começou a plantação de árvores doadas por Fontenay-sous-Bois, foi feita também



CM Marinha Grande

a plantação de 38 mil árvores, uma por cada residente no concelho da Marinha Grande.

Já o Maire de Fontenay-sous-Bois, Jean-Philippe Gautrais, explicou que há uma «ligação particular com a Comunidade portuguesa de Fontenay-sous-Bois», razão que justifica a geminação com a Marinha Grande. «Quando ocorreram os terríveis incêndios do outono, pensámos que tipo de

ações de solidariedade poderíamos fazer em conjunto», declarou, referindo que, após falar com a autarca portuguesa, considerou importante uma ação concreta que pudesse ajudar e, também, mobilizar as duas Comunidades.

Jean-Philippe Gautrais, que recordou a sua passagem na Colónia Balnear Afonso Lopes Vieira, em São Pedro de Moel, no âmbito do protocolo de ge-

minação, considerou ser importante que no âmbito destes acordos no momento em que há dificuldades se possa ajudar.

Ontem, quinta-feira, os dois municípios assinaram um Protocolo no qual são formalizados os trabalhos de reflorestação, no âmbito dos quais a autarquia francesa já transferiu um subsídio extraordinário de 5.800 euros para a Marinha Grande, a que vai somar nova verba, de 13 mil euros. No acordo a celebrar, a que sucederá uma ação simbólica de reflorestação, os municípios contemplam a possibilidade de «estudar a oportunidade de ações complementares, nomeadamente nas áreas da gestão florestal e da preservação ambiental, tendo em vista a continuidade e valorização da nova mancha florestal».

A Mata Nacional de Leiria, também conhecida por Pinhal de Leiria e Pinhal do Rei, é propriedade do Estado. Tem 11.062 hectares e ocupa dois terços do concelho da Marinha Grande. A principal espécie é o pinheiro bravo. No incêndio de 15 de outubro de 2017 ardeu 80 por cento da sua área.

«Inscrição consular única» teve «problemas técnicos» mas deve ser alargada ainda este ano

O ato de inscrição única consular, que está a ser testado no Consulado de Portugal em Barcelona, sofreu problemas técnicos, disse o Secretário de Estado das Comunidades, que espera alargar este projeto a outros postos até ao fim do ano.

Lançado a 04 de maio do ano passado, o ato único permite aos Emigrantes fazer apenas uma inscrição nos Consulados das regiões para onde emigraram apenas uma vez, deixando de ter de fazer novas inscrições sempre que mudam de morada, como acontece atualmente.

O Governo estimava que até ao final de 2017, o novo sistema fosse alargado a «mais de metade» dos postos consulares portugueses, estendendo-se aos restantes ao longo deste ano. No entanto, «houve aspetos que correram bem na aplicação, houve aspetos que correram menos bem do ponto de vista técnico», disse José Luís Carneiro.

Segundo o governante, a empresa que ganhou o concurso «não teve capacidade para resolver as questões que estavam a apresentar maiores dificuldades técnicas, na área dos pagamentos dos emolumentos consulares».

«Houve uma negociação para fazer cessação da sua posição contratual para que outras empresas com competência nas áreas detetadas como difíceis possam assumir essa responsabilidade», adiantou José Luís Carneiro.

O Governo estima que até ao final do ano seja possível alargar o sistema «aos outros postos consulares», referiu ainda.

Há um ano, no lançamento do projeto-piloto, o Chefe da diplomacia portuguesa, Augusto Santos Silva, classificava o novo Sistema Integrado de Funcionamento e Gestão Consular como «uma revolução» para o Ministério dos Negócios Estrangeiros, por permitir «fazer a gestão centralizada de toda a informação relativa às Comunidades portuguesas».

«Hoje, temos 13 milhões de registos consulares, quando sabemos que a nossa Comunidade de naturais de Portugal residentes no estrangeiro é de pouco mais de dois milhões e a nossa Comunidade de nacionais portugueses, tenham ou não nascido em Portugal, é de pouco mais de cinco milhões. E porque é que há esta duplicação? Exatamente porque as pessoas têm de se inscrever várias vezes ao longo do seu percurso migratório», explicou o Ministro.

➔ Primeiro Encontro mundial de Cônsules honorários teve lugar em Lisboa

Governo apresenta até ao verão alterações à rede de Cônsules honorários

O Governo deverá apresentar até ao verão alterações à rede de Cônsules honorários de Portugal, incluindo a criação de novos postos ou a atribuição de mais competências, disse o Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas.

«O trabalho da revisão das jurisdições consulares, de avaliação dos critérios relativos à designação, alargamento de poderes e atribuição de apoio financeiro está realizado. Muito em breve, até ao verão, teremos condições para que esse trabalho seja divulgado», disse hoje José Luís Carneiro, à margem da abertura do primeiro seminário «Rede Honorária de Portugal no Mundo: Realidade e Potencial», em Lisboa.

O governante revelou que Portugal tem mais de 60 Consulados honorários criados mas sem titular, pelo que analisou os casos em que se justifica congelar lugares, embora mantendo em aberto esse Consulado honorário. Além disso, o Governo promoveu um levantamento «dos locais onde é necessário criar novos Consulados honorários», indicou José Luís Carneiro.

Portugal tem 234 Cônsules honorários - dos quais 18 a aguardar autorização das autoridades dos respetivos países.

França representada com 7 Cônsules honorários

Durante dois dias, mais de cem Cônsules honorários participaram em Lisboa no primeiro encontro com membros do Governo e responsáveis públicos.

De França participaram Bruno Cavaco (Lille), Isidoro Fartaria (Clermont-Ferrand), Joaquim Pires (Nice), José Paiva (Orléans), José Stuart (Rouen), Nathalie Pinheiro (Montpellier) e Vincent Bancons (Dax). Participou também Bettina Ragazzoni-Janin, Cônsul Honorária de Portugal no Mónaco.

Ausentes estiveram Anne Marie Mouchet (Pau), Jeanne Pantalacci (Ajaccio) e Luís Palheta (Tours).



«Nos últimos anos e por força das restrições impostas à rede consular e diplomática na carreira no seu todo, os Cônsules honorários têm vindo a assumir uma maior importância, sobretudo na garantia do apoio e da proteção consular em locais distantes dos postos de carreira e onde há Comunidades portuguesas, e ainda, em locais considerados importantes do ponto de vista da defesa dos interesses do Estado português, nomeadamente os de natureza económica e social», sustentou José Luís Carneiro, na abertura do encontro. O Secretário de Estado agradeceu «o trabalho de grande qualidade que os Cônsules honorários têm vindo a desenvolver em todo o mundo», mas também aproveitou para «interpelar esta rede para que dê um contributo ainda mais qualificado nos objetivos da internacionalização do Estado português», nas dimensões social, cultural, científica, económica e cultural, «além da proteção e apoio às Comunidades portuguesas».

Antes, o Presidente da Fundação Oriente, Carlos Monjardino, recordou que ele próprio foi Cônsul honorário em Portugal e em França: «Posso dar o meu testemunho sobre a importância dessas funções, tanto no domínio da representação, como sobretudo na defesa dos interesses e do bom nome desses países», comentou.

O encontro contou ainda, na abertura, com uma intervenção do Primeiro-Ministro, António Costa.

Os apelos de António Costa

O Primeiro-Ministro pediu aos Cônsules honorários de Portugal espalhados pelo mundo para que tenham como ação prioritária a captação de investimento, a internacionalização da economia e da ciência portuguesa e a difusão da língua portuguesa.

Estas prioridades foram apresentadas por António Costa no discurso que proferiu na sessão de abertura do seminário de cônsules honorários na Fundação Oriente, em Lisboa.

António Costa começou por apontar que naquele seminário participam «mais de cem titulares de consulados honorários, entre empresários, académicos, advogados e outros profissionais liberais».

Ora, de acordo com o líder do executivo, «estes números atestam bem a enorme riqueza desta rede honorária assente numa imensa diversidade de origens, de qualificações e de competências».

Na sua intervenção, o Primeiro-Ministro definiu três prioridades ao nível da ação diplomática dos Cônsules hono-

rários da rede portuguesa, sendo a primeira a referente ao «investimento, empreendedorismo e internacionalização com base na diáspora».

«No empreendedorismo da diáspora encontramos um importante difusor da nossa cultura, da nossa língua, e da nossa economia. O Governo tem desenvolvido ações de apoio ao empreendedorismo das nossas Comunidades e ao seu potencial enquanto origem e destino de negócios e de investimento. Temos, ainda, promovido, através de iniciativas direcionadas para a diáspora desenvolvidas por uma rede que liga entidades nacionais, regionais e locais, o investimento de emigrantes e lusodescendentes em Portugal em setores prioritários como o turismo, o comércio, a indústria, a cultura, sem esquecer as áreas social e da saúde», afirmou.

No que respeita à promessa da língua portuguesa, o Primeiro-Ministro considerou essencial a promoção do «intercâmbio entre Portugal e as Comunidades no domínio das artes e da cultura, seja apoiando ou organizando iniciativas e eventos, seja ajudando ao reconhecimento e à valorização dos artistas e autores portugueses e lusodescendentes».

No plano da ciência, o Primeiro-Ministro defendeu que o país não poderá vencer o desafio da globalização «sem uma maior inserção nas redes internacionais de conhecimento». «Temos, por isso, que continuar a promover e a apoiar a mobilidade dos nossos estudantes, cientistas e investigadores, ao mesmo tempo que valorizamos as nossas universidades e os nossos centros de investigação junto das comunidades científicas estrangeiras», acrescentou.

Ao longo dos dois dias de trabalhos, os Cônsules honorários debateram temas como os assuntos consulares e a administração; cooperação, língua e cultura portuguesas; promoção do turismo e da economia portuguesa; ou o ensino superior e investigação científica, estando previstas sessões com Secretários de Estado ou responsáveis públicos destas áreas.

Consulado de Paris realizou quase 300 atos na primeira Permanência consular nas Antilhas

Quase 300 atos consulares foram realizados na semana passada no âmbito da primeira Permanência consular destinada à Comunidade portuguesa nas Antilhas, anunciou fonte oficial do Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE).

A Permanência consular, que decorreu entre segunda e sexta-feira da semana passada, nas ilhas de Guadalupe e Saint Barthélemy, permitiu a realização de 284 atos consulares, entre os quais 37 Cartões de Cidadão, 43 Passaportes, 12 atos ou informações de registo civil e cerca de uma dezena de pedidos de informação de diferente natureza (jurídica, registo civil, fiscal), indicou fonte do Gabinete do Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, José Luís Carneiro.

Além disso, foram feitas «muitas inscrições consulares».

Os funcionários do Consulado Geral de Portugal em Paris - que tem jurisdição sobre esta região - «percorreram ainda vários pontos» das duas ilhas, «para contactar e identificar mais Portugueses ali residentes».

Segundo o Governo, as Permanências «foram muito concorridas, tendo inclusivamente sido necessário prolongar os horários de funcionamento destas iniciativas».

Em declarações à Lusa, o Secretário de Estado das Comunidades disse que a iniciativa contou com o apoio das autoridades locais das ilhas de Guadalupe e de 'St. Barth', que divulgaram a realização da Permanência consular através dos órgãos de

comunicação locais e da afixação de avisos.

A realização da Permanência consular nesta região foi um compromisso do Governo, após a deslocação de José Luís Carneiro a estas ilhas na sequência do furacão Irma, em setembro passado, quando verificou que «vários cidadãos tinham os documentos fora de validade».

As autoridades portuguesas estimam que vivam naquela região entre 2.000 a 3.000 portugueses, um número variável dado que alguma emigração é sazonal, mas ainda assim muito superior aos cerca de 600 Portugueses que estavam registados em Cuba, República Dominicana, Saint Barthélemy, Guadalupe, Martinica, Porto Rico e Saint Martin.



➔ Eduardo Pinheiro esteve em Richebourg

Neto do soldado Milhões quer que se tirem lições da I Guerra Mundial

Por António Marrucho

Eduardo Pinheiro é neto de Aníbal Augusto Milhais, um dos soldados do Corpo Expedicionário Português que participou na I Guerra Mundial, em França, mais conhecido pelo soldado Milhões.

Eduardo Pinheiro reside em Murça, concelho de onde vinha o avô e deu uma entrevista ao LusoJornal durante as comemorações do Centenário da Batalha de La Lys, e numa altura em que sai nos cinemas um filme com o título «O herói que não queria ser herói» do realizado Gonçalo Galvão Teles.

A entrevista de Eduardo Pinheiro é uma autêntica lição de humanismo, sem rancor e com ideias que todos deveríamos defender para que catástrofes como a que foi a I Guerra Mundial não pudessem jamais acontecer.

Ainda chegou a conhecer o seu avô, tem recordações dele?

Não o conheci. Ele faleceu em 1970 e eu nasci em 1974. A história do meu avô sempre esteve presente nas nossas vidas, a minha avó morou conosco, a minha mãe era a filha mais nova e sempre se falou em casa da história do meu avô e do contexto difícil da guerra em que participou, do sofrimento que as pessoas tiveram aqui no Pas-de-Calais e de todos os soldados na defesa do território e óvamente da história dele, que o levou a receber a condecoração da Ordem da Torre e Espada aqui ainda em França, em 1918.

Nesta visita por ocasião do Centenário da Batalha de La Lys veio acompanhado?

Sim, integro uma comitiva do Município de Murça, presidida pelo Senhor

Presidente da Câmara, com as entidades mais empregadoras localmente: a Adega Cooperativa, e a Cooperativa dos Olivicultores, entre outras. Estamos aqui a convite do Presidente da República e do Primeiro Ministro português, para participarmos nas comemorações do Centenário da Batalha de La Lys.

Estão a preparar uma geminação entre Murça e La Couture?

A geminação existe já de facto, desde 2011. Murça tem participado nas diversas cerimónias das Comemorações desde há vários anos. E tem havido comitivas de La Couture que têm visitado Murça. Há trabalhos que estão a ser desenvolvidos a nível do público escolar, envolvendo alunos das duas vilas, há mesmo uma exposição que vai ser inaugurada com trabalhos relacionados com o meu avô, com desenhos, e a interpretação da sua história pelos alunos de Murça. O meu avô sendo o elo de ligação entre a sua vila natal e La Couture, onde esteve durante a I Guerra Mundial.

A participação dos Portugueses na Batalha de La Lys e na guerra estava como que esquecida nos livros escolares de Portugal. Será que o que se está a passar estes dias poderá mudar as coisas?

Espero que sim. Nos últimos tempos tem havido em Portugal mais curiosidade nomeadamente por parte dos media portugueses àcerca do tema da participação dos Portugueses na I Guerra Mundial, nas duas frentes, tanto no território europeu, como em África. Tem também despertado uma certa curiosidade por parte do público e é sinal disso a estreia esta semana de um filme sobre a história



LusoJornal / Luís Gonçalves

do meu avô.

É importante o filme?

Eu acredito que pela história do meu avô e sobretudo de todos os militares portugueses, a memória de todos acabe por tirar benefício do filme. O filme vai chegar a muita gente que se aperceberá do sofrimento de todos aqueles que vieram representar a jovem República portuguesa, que pretendia afirmar-se no contexto mundial. Espero que com o filme se faça conhecer a muitos, esta parte da nossa história, e que venha por conseguinte a ser integrada nos livros escolares portugueses em memória dos que há 100 anos perderam a vida e o esforço de quantos vieram para França e foram para África e em particularmente todos quantos lá ficaram, que a me-

mória e recordação que lhes é devida perdure.

A história do seu avô vai ficar ainda mais conhecida...

A história do meu avô tem a vantagem de ser conhecida, contudo o meu avô não deixa de ser um simples rapaz de 21 anos, que sendo agricultor analfabeto foi tirado da sua terra como tantos outros, foi metido num barco para vir combater em França por valores da Liberdade, da Igualdade e de Fraternidade, valores que fazem parte também da França. A história do meu avô é um pequeno episódio, que a sua notoriedade serve para que todos sejam recordados, que a todos seja dado o valor devido na história de Portugal, porque assim o merecem.

Qual é para si o significado das celebrações do Centenário da Batalha de La Lys?

A Batalha de La Lys é um episódio que não fica esquecido devido à proporção e pelo efeito que teve no Corpo Expedicionário Português. Contudo, os amigos e os inimigos de ontem estão todos presentes. Se há uma grande lição a tirar de uma guerra, é que se deve fazer tudo para que tal não volte a acontecer e que se criem condições para que todos tenhamos segurança, prosperidade, que haja boa comunicação entre todos, para que situações horríveis como as da guerra, não voltem a acontecer. Por inacreditável que pareça, o assunto da I Guerra não ficou resolvido, os Alemães foram humilhados, o que conduziu a que tivéssemos uma segunda Guerra Mundial poucos anos depois.

A história deve aprender com isso...

Curiosamente nem com duas guerras mundiais a Europa aprendeu, permitindo que nos anos 90 houvesse nova guerra na Europa, na região da ex-Jugoslávia, em que Europeus mataram outros Europeus. É isto que eu gostaria que jamais acontecesse, para tal penso que quanto mais formos Europeus, embora preservando cada um a sua identidade nacional, quanto mais partilharmos os valores, quanto mais conseguirmos dialogar entre todos, quanto mais contribuirmos e beneficiarmos de uma prosperidade global, mais seguros nos sentiremos, mais felizes, mais prósperos e dignos seremos. Seria assim uma forma de honrarmos a memória de quantos estão sepultados em Richebourg e em todos os outros cemitérios. Seria o reconhecimento de todos eles, uma forma de os satisfazer, de tranquilizar... a eles e a nós.

Pessac: Homenagem aos Mortos da I Guerra

A associação O Sol de Portugal, organizou uma homenagem aos soldados portugueses mortos durante a I Guerra Mundial. A cerimónia realizou-se em Pessac (33), nos arredores de Bordeaux, no quadro do evento «Portugal d'Avril» e teve três momentos: uma homenagem pública em frente do monumento aos mortos na Grande Guerra, a inauguração de uma exposição no hall de entrada da Mairie da cidade e uma conferência sobre este tema na sala do Conseil Municipal.

«Este ano comemora-se o Centenário da Batalha de La Lys e nós achamos que tínhamos de organizar este evento que é desconhecido tanto pelos Portugueses que pelos Franceses. Era uma oportunidade para evocar esta efeméride» explicou ao LusoJornal Isabel Pereira Vincent, Vice Presidente da associação e Responsável pelas relações com Portugal. «Para nós era importante homenagear os Portugueses mortos, para nós são soldados esquecidos».

«Eu não sou portuguesa e não conhecia esta batalha. Na história de França não nos ensinam isso» confessou ao LusoJornal Marie Claude Valdin, a Presidente da associação O Sol



LusoJornal / Carlos Pereira

de Portugal.

O monumento aos mortos está na praça mesmo em frente da Mairie de Pessac. As associações de antigos combatentes responderam ao apelo da associação franco-portuguesa e, pela primeira vez, desfilou a bandeira do recentemente criado Núcleo de Bordeaux da Liga dos Combatentes.

«Por ocasião do Centenário da Batalha de La Lys, o Sol de Portugal quis prestar homenagem hoje a estes esquecidos da história, mortos pela liberdade

da França» disse Isabel Vincent no seu discurso, antes de passar a palavra ao Cônsul Geral de Portugal em Bordeaux, Marcelo Mathias.

«Estamos aqui reunidos para evocar o Corpo Expedicionário Português e prestar homenagem a estes soldados que se bateram neste conflito tão cruel e mortífero que foi a Batalha de La Lys» disse Marcelo Mathias no seu discurso. «Hoje, 100 anos depois desses eventos dramáticos, para Portugal, para a França e para a Europa,

temos de lembrar a coragem dos soldados portugueses que lutaram incansavelmente para defender uma outra pátria em condições particularmente severas».

Em frente estava o Presidente do Conselho Regional, alguns autarcas de origem portuguesa - Ana Maria Torres de Bordeaux e Fernanda Alves de Cenon, assim como outros autarcas de Biscarrosse e de Pessac. Ausente estava o Maire de Pessac.

«100 anos depois, mais de um milhão de Portugueses e seus descendentes estão integrados em França, constituindo uma Comunidade portuguesa que é fator essencial da união entre os nossos dois povos e das relações privilegiadas que mantêm os nossos dois países» disse Marcelo Mathias. «A melhor homenagem que podemos prestar a todos estes soldados mortos na Batalha de La Lys é o de lhes dizer que têm a nossa gratidão e a nossa memória».

Já dentro do hall de entrada da Mairie foi inaugurada a exposição sobre a participação do CEP na I Guerra Mundial. Manuel Dias, do Coletivo Aristides de Sousa Mendes e da Liga dos Combatentes, que realizou a exposição com

fotografias de Alnaldo Garcez, em colaboração com o LusoJornal, lembrou o «dever de memória» e apelou para que todos possam falar da participação dos Portugueses na I Guerra Mundial. Seguiu-se uma conferência sobre a participação dos Portugueses na I Guerra Mundial, pelo jornalista Carlos Pereira, Diretor do LusoJornal. A conferência, que juntou várias dezenas de pessoas, teve lugar na sala do Conseil Municipal.

A associação Sol de Portugal foi criada em 1981 por jovens da segunda geração e o evento «Portugal d'Avril» realiza-se há 25 anos em Pessac. Começou no dia 6 de abril com uma sessão de Contos em casa de pessoas particulares, que transformam a sala de jantar em sala de espetáculo, inclui uma noite de cinema com os filmes «Soleil battant» e «Cartas de guerra» e vai acabar com um concurso de cozinha. «Todas as equipas têm os mesmos ingredientes e têm de encontrar uma receita. Em função das origens dos participantes, os mesmos ingredientes dão pratos diferentes, que depois são provados durante um jantar» explica Isabel Pereira Vincent ao LusoJornal.

➔ Greve continua no momento de fecho desta edição do LusoJornal

Sexta-feira difícil na CGD em França

Os sindicatos franceses CGT e CFDT garantiram à Lusa, na sexta-feira da semana passada, que a central FO-CFTC recusou comparecer na reunião com a Administração da Caixa Geral de Depósitos (CGD), em França.

«Houve dois sindicatos [CGT e CFDT] sentados à mesa para conversa com a Administração e outros dois, FO e CFTC, recusaram-se a participar», disse Hélder Gonçalves da CGT, em declarações à Lusa.

O sindicalista indicou ainda que «a reunião foi interrompida» devido à manifestação dos sindicatos que não compareceram, não ficando agendada uma nova data para o encontro com a Administração da CGD.

«A greve foi reconduzida para sábado, segunda-feira e terça-feira», acrescentou.

A situação descrita foi também confirmada pela dirigente do CFDT. «Na reunião estava também a CGT, os representantes de Lisboa e o Diretor da Caixa Paris. Começámos a discussão e passados dez minutos a FO [FO-CFTC] subiu e começou, no corredor, aos gritos e a fazer ameaças contra uma reunião para a qual disseram não ter sido convocados», disse Carmen Campo.

De acordo com a líder sindical, a Direção da instituição financeira tentou «convencer o FO a entrar na negociação», mas o mesmo recusou-se, alegando «só querer negociar com o patrão e sem a presença dos outros sindicatos».

«Tivemos que sair, o ambiente estava muito agressivo e não dava para estarmos em reunião. Eles ameaçaram en-



Assembleia geral de 12 de abril

trar na sala e nós não quisemos provocar incidentes», sublinhou.

Carmen Campo disse ainda que uma delegada da central FO-CFTC garantiu ter sido notificada para a reunião, através do seu telefone pessoal, no entanto a estrutura «exige receber um convite por escrito».

«A Direção da CGD disse que ia mandar uma informação para todos os trabalhadores da Caixa a contar o sucedido e com algumas propostas. Da nossa parte, ainda estamos a pensar nos próximos passos, apesar de estarmos mais na linha de negociar do que entrar em greve. Os nossos clientes têm muita paciência mas um dia acaba», vinco.

Na mesma sexta-feira, a CGD havia dito à Lusa que a FO-CFTC não compareceu na reunião com a Administração, apesar de ter sido convocada. «Hoje a Direção geral da sucursal da CGD e representantes da CGD Portu-

gal estiveram presentes na sucursal para se reunir com os quatro sindicatos representativos, conforme combinado em 16 de abril», explicou a instituição, numa nota enviada à Lusa. De acordo com a CGD, estiveram presentes na reunião «a CGT e a CFDT, não tendo comparecido aqueles que aparentam estar na origem da convocação desta greve».

Por sua vez, a intersindical FO-CFTC garantiu que não foi recebida na reunião entre a Administração da CGD e os sindicatos, quando decorria o quarto dia de greve em França.

Cristina Semblano, porta-voz da intersindical que tem apoiado a greve, disse à Lusa que cerca de 100 pessoas na sede da CGD em Paris ameaçaram invadir a reunião e «fizeram tanto barulho que a reunião foi interrompida».

«Eram cerca de 100 pessoas à porta a tentar entrar porque a Administração

da Caixa recusou receber a intersindical maioritária, ou seja, a Presidente da Comissão de Trabalhadores e o sindicato maioritário. As pessoas estavam prontas aqui a invadir a sala onde decorriam reuniões com sindicatos minoritários e fizeram tanto barulho que a reunião foi interrompida», declarou Cristina Semblano.

Numa nota enviada ao LusoJornal, na sexta-feira pelos «sindicatos maioritários» da Caixa Geral de Depósitos em França, FO e CFTC, constituídos em Intersindical, dizem que «a Comissão negocial eleita em Assembleia Geral dos Trabalhadores não foi convocada pela Direção Geral da Sucursal nem pela comitiva vinda de Lisboa que ademais recusou recebê-la não obstante o seu pedido feito várias vezes presencialmente ao longo do dia, como o podem testemunhar as dezenas e dezenas de trabalhadores presentes na Sede da instituição em França».

«Os responsáveis da Sucursal da CGD França e do Grupo em Lisboa, optaram por reunir-se, logo de manhã, com os Sindicatos minoritários da CGD que apelaram à desmobilização da greve, não obstante a oposição das suas bases e dos seus representantes eleitos que se juntaram desde o início à greve» diz a nota de imprensa.

Os sindicalistas afirmam que na sexta-feira «mais de 1/3 das agências da rede estão encerradas e outro terço está a trabalhar em sub-efectivo» e por isso consideram que a Comissão Executiva e o Conselho de Administração da banca pública «estão a expor a CGD a riscos operacionais

(perdas potenciais) e de segurança, importantes, riscos para os quais a Intersindical FO-CFTC já advertiu ontem o Banco de Portugal, a autoridade de supervisão bancária francesa (ACPR) e a Inspeção do Trabalho de França».

A Intersindical confirma ao LusoJornal que «perante a marginalização dos representantes maioritários do pessoal, ao total arrepio da lei, os trabalhadores empunhando cravos vermelhos invadiram a escadaria que dá acesso à sala de reuniões cantando a Grândola Vila Morena».

«A reunião organizada à calada com os representantes minoritários foi interrompida tendo os responsáveis sindicais da CGT sido conspurcados pelos trabalhadores que os expulsaram do recinto da Sucursal. Por fim, os trabalhadores, formaram um cordão humano junto à saída da Sucursal, impedindo o carro da Direção Geral de passar, e obrigando os Administradores a sair da Sucursal de França a pé» diz a nota de imprensa. Em 12 de abril, foi votada uma «greve ilimitada», um movimento apoiado pelos sindicatos Force Ouvrière e CFTC, que querem respostas sobre o futuro da CGD em França, onde há mais de 500 trabalhadores. A intersindical teme a alienação da sucursal francesa, quer ter acesso ao plano de reestruturação do banco e denuncia «atrasos nos aumentos salariais por mérito e carreiras desde 2016», assim como «disfuncionamentos da sucursal com impactos na saúde física e mental dos trabalhadores».

Femmes Chefs d'Entreprises em Arcos de Valdevez

O Presidente da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, João Esteves, esteve num encontro promovido em Arcos de Valdevez com a Associação de Femmes Chefs d'Entreprises, da região de Paris.

Este encontro foi organizado por Arcuenses membros desta associação empresarial francesa, o que confirma «a aposta que a Câmara Municipal tem desenvolvido de envolvimento



dos nossos emigrantes na fixação e atração de investimentos e na promoção do concelho», adiantou o Presidente da Câmara Municipal, João Esteves.

Esta reunião/convívio teve como principais objetivos estreitar relações, pensando em futuras parcerias, e dar a conhecer o Concelho e as suas potencialidades ao nível do investimento industrial, agrícola, comercial,

da reabilitação urbana e do turismo. O autarca de Arcos de Valdevez aproveitou o momento para fazer uma breve apresentação, dando conta dos benefícios e incentivos que o Município disponibiliza aos investidores. Deste encontro ficou a certeza e o interesse em realizar em breve um encontro em Paris para divulgar as potencialidades de Arcos de Valdevez.

• PUB

PORTUGAL

A DAR VOZ AO NOSSO CORAÇÃO

COM TODA A CONFIANÇA TRANSFIRA AS SUAS POUPANÇAS

No Santander Totta sabemos que para si Portugal está sempre presente. Por isso colocamos à sua disposição as nossas soluções de poupança com transferências internacionais cómodas e seguras - para que as suas poupanças possam seguir o seu coração.

Santander Totta

Informe-se em santandertotta.pt

➔ Ana Maria Torres

Conselheira Municipal de Bordeaux denuncia falta de professores de português na primária

A Conselheira Municipal da Mairie de Bordeaux, Ana Maria Torres, alertou ontem para a falta de professores de português no ensino primário no sudoeste de França, para corresponder às necessidades de cerca de dois mil filhos de emigrantes portugueses.

«A responsabilidade do ensino primário em França pertence ao Governo português e, atualmente, há cada vez menos professores de português», afirmou Ana Maria Torres, há mais de três décadas em Bordeaux, onde estão radicados mais de 18 mil portugueses, dos quais 12.000 habitam na periferia.

Ana Maria Torres, que interveio no Fórum Luso-Estudos, promovido pelo

Observatório dos Lusodescendentes na Sociedade de Geografia de Lisboa, sublinhou que apenas existem dois professores de Português no ensino primário em Bordeaux.

«Era necessário seis professores de português no ensino primário para a cidade de Bordéus e os arredores, porque as crianças, filhos de emigrantes, falam muito pouco a língua de herança. Como não têm escolas para aprender a língua portuguesa, as crianças seguem o ensino em francês e perdem quase por completo o contacto com o português, que falam em casa apenas em muitos casos», notou.

A Conselheira Municipal de Alain

Juppé salientou que confrontou o Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, José Luís Carneiro, com a necessidade de reforço de docentes no ensino primário no sudoeste de França, mas referiu que «já passaram dois anos sem que o problema tenha sido resolvido».

Nessa altura, «o Secretário de Estado disse-me que não havia um número suficiente de alunos que justificasse» a colocação de mais docentes, porém «a questão é a mesma de há dois anos».

«Não se pode ensinar o português fora das escolas. Tem de ser nas escolas e com a pedagogia dos professores», sustentou.



LusoJornal / Christian Godfrin

CCPF organiza Semana de imersão linguística em Portugal com alunos de França

A Coordenação das Coletividades Portuguesas de França (CCPF) organiza de 20 a 27 de abril, pela 3ª vez, uma Semana de imersão linguística em Portugal com 33 alunos de português dos 7 aos 11 anos.

Esta semana é organizada em parceria com a Coordenação do Ensino Português em França, e a Quinta da Escola - Centro de Educação Ambiental, Alvalade, Serra de Aire e Candeeiros onde se realizam as atividades e conta com o apoio da Direção Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas (DGACCP), um organismo da Secretaria de Estado das Comunidades.

Esta experiência única de encontro entre aprendentes de português vindos da região de Paris (Brunoy, Yerres, Corbeil Essonnes, Champigny, Sucy-en-Brie, Noisy-le-Grand e Paris) tem como objetivo a prática da língua através de atividades lúdicas e de aventura, como jogos em equipa, escalada, «slide», arborismo, btt, passeios de



burro...

A descoberta da riqueza da nossa cultura é também outro objetivo através de visitas a Coimbra (Portugal dos Pequenos) e do património industrial da região de Alcobaca (visita de uma fábrica de faianças onde os alunos terão a oportunidade de pintar uma peça como recordação).

Os alunos também irão à praia de São Martinho e vão participar numa atividade de limpeza da praia no âmbito da educação ambiental. Será uma oportunidade para que as crianças tomem consciência da poluição enorme que é deitada no mar e aprendam a ter comportamentos mais respeitosos do meio ambiente.

Muitos dos alunos participam pela segunda vez nesta semana realizada pela primeira vez em 2016.

Durante a semana este grupo é acompanhado pela equipa de monitores da Quinta da Escola e também por Adelino Oliveira de Sousa e Ana Lisete Carlos professores de Português na região de Paris.

«Em França, o ensino da língua portuguesa é feito em contexto exclusivamente formal (na escola) dado que o uso desta língua não é feito fora do espaço de sala de aula, por falta de estímulos para o seu uso em situações do quotidiano. Apenas 38% das famílias de origem portuguesa dizem ser o português a língua mais falada em casa» explica o professor Adelino de Sousa. «Por isso é importante proporcionar a estes alunos experiências de total imersão linguística e cultural para aumentar o seu nível de proficiência e de prestígio da língua e cultura portuguesas. Trata-se de uma semana de aprendizagens não formais, que lhes permitem vivências diferentes das quotidianas, num espaço aberto e de contacto com a natureza através de atividades lúdicas e culturais. As diferentes tarefas propostas durante a semana requerem um uso pragmático da língua e criam condições para o desenvolvimento da competência comunicativa destes alunos».

O 1º Master de engenharia educativa internacional em França vai abrir em Nantes

Por Luísa Semedo

A inclusão dos jovens migrantes vai ser alvo de uma formação universitária no ESPE (École Supérieure du Professorat et de l'Éducation) da Academia de Nantes, a partir de outubro de 2018.

O Master em Engenharia Educativa Internacional, inovador e único em França, tem como principal objetivo, segundo Dora François, responsável da formação e Maître de Conférences em Línguas, «aprofundar os conhecimentos sobre as migrações e a inclusão das populações a fim de desenvolver estratégias sociais e educativas que favorizarão o aprender e o viver em conjunto».

Numa conjuntura de aumento dos fluxos migratórios a nível mundial, este Master surge da consequente necessidade de encontrar soluções para



favorizar a integração das crianças migrantes e das suas famílias em vá-

rios domínios (linguísticos, culturais, escolares, jurídicos, etc.). Uma delas

é a de formar pessoas especializadas nestas questões através de uma formação interdisciplinar e internacional. «Precisamos de refletir e de pensar em dispositivos de inclusão educativa dos migrantes em toda a sua complexidade, ou seja, levar a cabo investigações, experimentar, inovar...», diz Bruno Lebouvier, Diretor adjunto do ESPE.

Esta formação é fruto de uma colaboração entre França, Portugal e Brasil. A Universidade de Nantes vai, assim, colaborar com as Universidades de Aveiro e de Brasília, pois os estudantes deverão, para validar o seu diploma de Master, passar um semestre numa das universidades parceiras para poder observar, comparar e pôr em perspetiva as diferenças e as similitudes das diferentes práticas locais. «A análise das condições de uma educação inclusiva, nestes três

países, constitui um terreno de estudo representativo e, portanto, ideal para tratar das problemáticas migratórias», explica Dora François.

Nesta formação vai ser tida em conta não somente a dimensão cultural e linguística, mas também a pedagógica, pois, para a responsável da formação o «principal desafio para os professores confrontados a estas problemáticas, é o de construir o comum, respeitando, ao mesmo tempo, a singularidade e a diversidade. Um paradoxo que acompanha o acesso aos saberes partilhados e vai contribuir para a integração e a autonomia».

Mais informações:

www.espe.univ-nantes.fr

Responsável da formação:

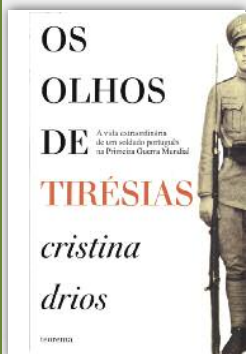
Dora François

dora.francois@univ-nantes.fr

Dominique Stoenesco

Un livre par semaine

«Os olhos de Tirésias», de Cristina Drios



«Aos dezasseis anos, alistei-me no Corpo Expedicionário Português». Esta é a primeira frase do

romance «Os olhos de Tirésias» - que tem por subtítulo «A vida extraordinária de um soldado português na Primeira Guerra Mundial», de Cristina Drios, publicado em 2013. O soldado chama-se Mateus Mateus, que partiu no contingente português para a Flandres, onde foi «cavador de valas, fazedor de trincheiras e, quando calhou (e calhou muito), também maqueiro e coveiro, por saber dar bom uso à minha velha sapa. Ao mesmo tempo, fui soldado e, enquanto fui soldado, tive outras funções, sempre secretas».

Em 1916, em Lisboa, antes de embarcar para Brest, antes de chegar ao palco da guerra e antes da tragédia da Batalha de La Lys, Mateus Mateus, que possui dons premonitórios, observa «aqueles que, tementes, ainda ssim discordavam das políticas do governo afonsista», e passa por um enorme cartaz que exortava: «Soldados, não deixai que vos levem para o matadouro».

Muitos anos depois da guerra, a narradora (neta de Mateus Mateus), ao descobrir um retrato do avô, cuja história a família sempre encobriu, resolve escrever um romance sobre esse seu antepassado. Assim, ao longo dos capítulos, acompanhamos a narradora pelos lugares da guerra (Saint Venant, Neuve-Chapelle, Ferme-du-Bois, Richebourg, etc.), no norte da França, e descobrimos personagens incomuns e inesquecíveis, entre os quais Georgette Six, a bela enfermeira francesa, «uma mulher extraordinária à frente do seu tempo», que perdeu o noivo na guerra e pela qual Mateus Mateus se tornará um homem diferente.

Cruzando épocas e espaços, realidade e ficção, Cristina Drios escreve um livro dentro de outro livro, numa escrita densa, que cativa e encanta, levantando questões sobre a existência humana e deixando pistas para reflexão.

Cristina Drios nasceu em Lisboa, onde frequentou o Liceu Francês Charles Lepierre. Desde 1992, exerce a advocacia. Tem três livros publicados: «Histórias Indianas» (2012), «Os Olhos de Tirésias» (2013) e o romance «Adoração» (2016), sobre a vida do pintor Caravaggio.

Foi eliminada no sábado passado, no primeiro 'live'

Sherley Paredes, la voix portugaise de «The Voice»

Por Marco Martins

Samedi soir, TF1 a commencé à diffuser les directs de «The Voice» avec 16 finalistes. Parmi eux se trouvait une jeune lusodescendante, Sherley Paredes, seulement âgée de 19 ans. Au bout de trois auditions diffusées à la télévision, la jeune artiste a réussi à se hisser jusqu'à la grande finale, qui comportait donc 16 concurrents et quatre directs pour les départager. A chaque émission, quatre chanteurs seront éliminés, jusqu'au 12 mai, soir où les quatre rescapés s'affronteront pour gagner le concours de chant «The Voice».

Sherley Paredes a été éliminée samedi dernier.

Rappelons d'ailleurs que l'année dernière, c'est un jeune luso-capverdien, Lisandro Cuxi qui a triomphé. Un deuxième succès lusophone en perspective? Nous le découvrirons au fil des «primes» de TF1.

Mais commençons par le commencement, qui est Sherley Paredes? Cette artiste de 19 ans vit à Limoges pour ses études à l'École Supérieure Professionnelle de Théâtre du Limousin, où elle y effectue sa deuxième année sur trois ans que comporte le cursus. Toutefois son parcours est loin d'être aussi simple.

Né de deux parents portugais, sa mère étant née au Portugal à Marinhas, près d'Espouende dans le Nord du Portugal, tandis que son père est né en France de parents originaires du Baixo Alentejo et de l'Algarve.

Ce n'est pas pour autant que Sherley est née en France, tout du moins en Métropole, comme nous l'a confié son père, Paulo Paredes: «Sherley est née



en Martinique où nous étions installé. La curiosité est qu'elle est née lors du 150ème anniversaire de l'abolition de l'esclavage et nous habitons Schoelcher, la ville qui porte le nom de l'abolitionniste Victor Schoelcher».

De retour en Métropole à seulement deux ans, la lusodescendante va faire toute sa scolarité en Franche-Comté entre Vieux-Charmont, Sochaux et Montbéliard, en faisant un crochet par le «Rancho Folclórico de Héricourt», où elle cultive déjà sa double culture: «On a toujours été bercé par la culture française et portugaise, d'ailleurs Sherley parle la langue de Camões, en ayant appris de sa propre initiative», nous confie son père.

Attirée par le théâtre, Sherley décide de concourir aux écoles et finit par être acceptée par la prestigieuse École Supérieure Professionnelle de Théâtre du Limousin, où seuls 16 élèves, ou plutôt 16 académiciens, sont intégrés

pour un cursus de trois ans intensifs. Et la chanson dans tout ça? «On ne sait pas d'où cela peut venir. Il n'y a pas de chanteurs dans notre entourage. Elle chantait à la chorale de son collège, mais rien de plus, et puis le goût lui est venu soudainement à 14 ans lors d'un karaoké au Portugal où elle a été bluffante. A partir de ce moment-là, elle a continué, toute seule, autodidacte, sans cours de chants. Elle a cette fibre artistique», précise Paulo Paredes. «Elle s'épanouit tant dans le chant que dans le théâtre. D'ailleurs elle a fait le conservatoire mais de théâtre. Ce qu'elle aime, c'est la scène», assure son père.

Elle a d'ailleurs remporté un concours de jeunes talents à Montbéliard à 14 ans avec une reprise d'Adele, «Rolling in The Deep».

Donc «The Voice» était presque une évidence. «Elle s'est lancée, et elle a été repérée, mais il ne faut pas croire

que c'est facile. Il faut passer des auditions, il faut bosser en amont, mais ça elle sait le faire», affirme son père, avant d'ajouter que «Sherley est une personne humble. Elle s'est présentée et elle veut évidemment aller le plus loin possible, mais pas avec un objectif d'écraser tout le monde, non bien au contraire. Elle veut montrer ce qu'elle est, et ce qu'elle veut, elle le fait avec le cœur, sans être dans le combat. La preuve, elle s'entend bien avec les autres candidats, c'est une personne au contact facile», souligne Paulo Paredes avant le direct de samedi dernier.

Samedi soir, Sherley Paredes a eu son mot, ou plutôt sa voix, à dire. Il faut rappeler que lors des directs, les candidats peuvent être sauvés par le public qui vote, ou bien par leur coach, en l'occurrence l'artiste connu internationalement, Mika. Dans ce cas précis, Sherley Paredes n'a pas été choisie ni par le public ni par Mika.

D'ailleurs pourquoi ce choix de Mika? «Sherley ressemble à Mika, elle est créative, cette envie de composer, de chanter, d'interpréter. Je pense que naturellement elle aurait choisi soit Pascal Obispo, soit Mika, en tout cas la balance penchait plus pour ces deux coaches. Et puis les paroles de Mika ont fait la différence car pour lui Sherley est un diamant noir, rare, brut, à polir, comme il l'a affirmé. Il l'a touché», consent Paulo Paredes.

Pour les curieux, vous pouvez retrouver les interprétations de Sherley Paredes sur internet, «Comme un Boomerang» de Serge Gainsbourg, ou encore «Ave Cesaria», de Stromae, un clin d'œil à ce côté lusophone qu'elle cultive.

Exposition à Oloron-Sainte Marie

La Maison et Bibliothèque de José Saramago photographiées à Lanzarote

Jusqu'au 27 avril, est organisée à la Médiathèque d'Oloron Ste Marie (64) une exposition d'une trentaine de photographies sur la maison et la bibliothèque de José Saramago à Tiàs, dans l'île de Lanzarote aux Canaries. La manifestation a été mise en place par l'association France-Portugal sous la présidence d'Elsa Godfrin da Fonseca.

L'occasion était trop belle pour Gracianne Bancon, adhérente à l'association, en séjour là-bas cet hiver, pour visiter et photographier ces deux grandes maisons distinctes où vécut et travailla José Saramago les 18 dernières années de sa vie.

Daniel Lacrampe, David Corbin, Araceli Etchenique et la presse locale étaient présents à l'inauguration du 13 avril.

De part et d'autre de la route, d'abord sa maison mitoyenne partagée avec sa belle-famille, pourvue de mobilier des années 30-40 de facture portugaise y compris ses tableaux. Quelques lithographies de César Manrique, l'artiste sculpteur peintre canarien si connu pour la sauvegarde architecturale et



LusoJornal / Gracianne Bancon

urbanistique de son île qu'il fréquentait régulièrement.

Un jardin ombragé, agréable et reposant s'étend en pente douce au sud de la maison.

La cuisine se visite aussi, pourvue de vaisselle de Coimbra, de Vista Alegre entre autres. Même le café Delta est

offert aux visiteurs sur le balcon face au jardin.

C'est dire combien les racines portugaises ont accompagné pendant toutes ces années l'écrivain, dont on célèbre les 20 ans cette année, de son attribution du Prix Nobel de Littérature.

Ensuite, de l'autre côté de la rue, un bâtiment plus vaste et plus adapté aux rangements de ses 80.000 livres qui abrite sa bibliothèque personnelle et de travail.

José Saramago aimait y recevoir ses amis, les journalistes, les personnalités officielles.

Et pour bien marquer son empreinte, à l'entrée dans cette cour-jardin, le pied d'olivier qu'il avait ramené du Portugal dans l'avion entre ses jambes.

Replanté à Lanzarote, il a bien grandi depuis.

A la sortie, une boutique où l'on peut acquérir plusieurs ouvrages de l'écrivain en français et d'autres langues étrangères aussi.

Après cette visite à Lanzarote, Gracianne Bancon en a entamé une seconde ce printemps à Lisboa, à la Fondation même de José Saramago, dont s'occupe Pilar del Rio, la seconde épouse de l'écrivain. A Lisboa comme à Tiàs, accueil chaleureux et professionnel des divers intervenants, sachant répondre aux diverses questions posées.

➔ Cantor luso-caboverdiano vai cantar na Cigale, em Paris

Tito Paris: «Música de Cabo Verde pode ser tocada por qualquer orquestra no mundo»

Por Luísa Semedo

Tito Paris estará em concerto na La Cigale, dia 27 de abril, às 20h00, para apresentar o seu mais recente álbum «Mim Ê Bô», após quinze anos sem gravar.

O LusoJornal esteve à conversa com um dos mais prestigiados embaixadores culturais de Cabo Verde e Portugal.

«Mim Ê Bô» é o título de uma das canções que também dá nome ao seu mais recente álbum. Pode explicar, para quem não compreende crioulo, o que quer dizer e o porquê da escolha do nome?

«Mim Ê Bô», quer dizer «eu sou tu», é uma palavra de solidariedade. A canção é inspirada num grande amigo que tenho, e se ele está bem, eu estou bem e vice-versa. «Mim Ê Bô e Bô Ê mim», «eu sou tu e tu és eu». Se tens um problema, eu também tenho. É o símbolo da amizade e da solidariedade para com o teu amigo. Escolhi, igualmente, este nome para o álbum porque um dia estava em Cabo Verde numa festa, com um grupo de pessoas e começámos a falar do facto de eu já não gravar há 15 anos, e respondi que andava ocupado em concertos pelo mundo fora, em parcerias com outros músicos para promover a música de Cabo Verde, mas que já tinha um trabalho novo quase a sair e apareceu, então, um indivíduo que me disse «Tito, não há problema, eu espero o tempo que for necessário, porque mim Ê Bô» e isso ficou-me, e como já tinha a música feita com esse título achei que foi um bom acaso e que encaixava bem.

O Tito é multi-instrumentista: guitarra, baixo, bateria, compositor, cantor, orquestrador, e de facto quando eu penso na sua música, quando oiço o nome Tito Paris, a primeira coisa que me vem à cabeça é a variedade de instrumentos, as orquestrações, os metais, as cordas, que estão mais uma vez bem presentes neste disco. É essa a sua conceção da música? Por exemplo, uma guitarra-voz, um piano-voz não lhe agrada?

Gosto sim, adoro uma guitarra-voz e um piano-voz, dependendo de quem

toca, é uma construção normal, é criar um caminho para fazer uma melodia e cantar, mas eu desde criança que gosto de música clássica, e então sempre tive o sonho de introduzir o clássico na música de Cabo Verde. Já fiz várias vezes orquestração europeia com base caboverdiana com cavaquinho, violão, baixo, etc. Sempre tive esse desejo e a música de Cabo Verde tem muito para dar nesse sentido. Um dia, eu peguei numa morna de B.Léza e dei a um amigo meu, que é um maestro russo, e ele fez uma obra com essa música que uma pessoa fica arrepiada, porque realmente a música de Cabo Verde tem essa liberdade de se poder mexer. Sempre gostei de fazer música com outras sonoridades, mas sem tocar na raiz que é a música de Cabo Verde, e essa fusão de som é muito boa. Cheguei a fazer um espetáculo com a Orquestra Metropolitana de Lisboa e levei-a a Cabo Verde e estou a fazer uma grande obra com música de Cabo Verde clássica, música que pode ser tocada em qualquer parte por qualquer orquestra no mundo. E essa é a minha intenção.

Li que não gosta de sintetizadores, e de facto esta utilização de instrumentos acústicos também permite talvez uma maior intemporalidade na música...

Eu respeito quem toca sintetizadores, eu próprio já utilizei em algumas músicas, mas a minha preferência é o piano, o baixo, ou então o contrabaixo, o acordeão, o clarinete, a trompete, o trombone, etc. O meu objetivo é que a música de Cabo Verde seja mais rica e com o sintetizador não sei se consigo enriquecer, mas com o piano, algo de muito poderoso harmonicamente já arasta para fazer outro arranjo, e a sonoridade está lá porque é som da madeira. Então, sempre defendi os instrumentos acústicos para a música de Cabo Verde.

As primeiras notas do «Fado Triste» lembram-me o «Preciso me encontrar» do Cartola...

Não é a primeira pessoa que me diz isso. Tenho um amigo brasileiro que mora perto de mim lá em Lisboa, que



escreve para o Seu Jorge, e que me disse a mesma coisa. Eu também sou fã do Cartola...

Ora esta Morna intitulada «Fado Triste» fala de Mindelo e Lisboa, e encontramos de certa forma a nostalgia, a tristeza que também caracteriza o Fado. Quais são, a seu ver, as semelhanças e as diferenças entre estes dois estilos musicais?

São duas realidades diferentes, a Morna tem um caminho e o Fado tem outro, ambas falam de amor e de nostalgia, de separação e de saudade, de tudo aquilo que nos diz a alma, mas a harmonia, a melodia, a aplicação é completamente diferente. Mas pode-se casar, a música pode misturar-se. Mas esta canção era um Fado, a poesia não é minha e eu fiz uma tradução em crioulo, transformei-o numa Morna, mas é do Vitorino.

Na obra do Tito encontramos blues, jazz, música latina como por exemplo na Cidade Velha ou na Doce Paixão e ainda música brasileira. Como concilia estas influências multiculturais e mantém a essência da música caboverdiana? Porque, de facto, ouvimos sempre Cabo Verde.

Eu vou buscar muitas vezes as sonoridades a pessoas. Na «Cidade Velha» por exemplo fui buscar um músico cubano, o pianista é um português, mas que está muito ligado à música latina e depois introduzo cavaquinho para dar

aquele toque, o violão que vai introduzir Cabo Verde e vê-se que é uma fusão.

Quando era pequena, em Lisboa, lembro-me de um amigo me ter pedido música do meu pai caboverdiano e eu pensava que se estava a referir a música negra dos Estados Unidos ou ao Reggae, mas era de Funana, Kizomba, Kuduro que estava a falar. Na altura ainda era um «exotismo», uma raridade, mas hoje é uma música muito popular que ultrapassou fronteiras. Como vê esta explosão de música proveniente de países como Cabo Verde ou Angola, é algo de bom?

É sempre bom quando mantemos a raiz. O importante é fazer as fusões, mas com o tronco de Cabo Verde intocável, onde se vê cachupa, onde há atum, um groguinho e vês champagne ao lado... E sim, é positivo, quando se faz uma fusão porque nós gostamos da cultura dos outros povos, e quem não gosta da cultura de outro povo é porque não aprecia a sua. Nós só nos enriquecemos depois de ter provado a cultura de outro povo desde a gastronomia a várias outras coisas. O que está aqui é bonito, o que está ali também é se misturarmos fica ainda mais bonito.

No título «Bô» canta com o rapper Boss AC. Como correu essa colaboração? Qual é a sua relação com as novas gerações? E isto é mais uma

provocação, o Rap nem sempre tem esta exigência de orquestração, de arranjos de que o Tito gosta...

Eu respeito muito o Boss AC. É um inovador em Portugal desse estilo de música Rap, é muito respeitado. E eu cresci com a mãe e o pai dele em Cabo Verde, é como se fosse quase um sobrinho para mim, e também nós fizemos uma fusão. Repare que nesta canção tem cavaquinho. Eu disse ao Boss AC «fiz uma música a pensar em ti, gostava que fizesses uma parceria comigo» e ele respondeu com dúvida «achas Tito?» e eu disse «claro que acho». E quando ele foi para estúdio e ouviu a música, deslumbrou, disse que não pensava que era isso, e o que ele cantou foi feito por ele, escreveu lá no estúdio, foi fantástico.

Boss AC também estará em palco com o Tito em La Cigale, em Paris. E o que será este espetáculo?

Sim. O espetáculo vai ser meio adaptado porque não vamos ter cordas, mas vamos ter trompete, instrumentos folk, piano, cavaquinho, violão, percussão, etc., vai ser um concerto com músicas do disco, mas adaptadas e acho que serão adaptadas para melhor.

Conhece bem Paris, já cá esteve várias vezes. Qual é a sua relação com o público francês, o que os distingue dos outros, se é que há distinção?

É um público curioso culturalmente, gosta de provar e de ver. E eu tenho tido sorte porque todas as vezes que venho cá tenho muitos Franceses nos meus concertos, fazem fotografias pedem autógrafos. E depois alguns até iam ter comigo ao bar que tinha em Lisboa. É um público muito culto, gosta de receber a cultura de outro povo e é por isso que é respeitado culturalmente em todo o mundo.

E nunca pensou vir viver para Paris? Há vários artistas que viveram aqui?

Não, eu não domino o francês, entendo umas coisinhas, mas não domino, mas é um cidade onde se poderia viver muito bem, mas devo dizer que eu não troco nenhuma cidade pela cidade de Lisboa, respeito todas as outras e gosto de vir cá, mas Lisboa, Portugal...



BÉTHUNE BRUAY
BB
pour les intimes

Expositions, visites guidées et spectacles

LES PORTUGAIS DANS LA GRANDE GUERRE

Centenaire de la Bataille de la Lys

> www.tourisme-bethune-bruay.fr

DU 7 AVRIL AU
6 MAI 2018

© IMA, Q5545, Soldats portugais écrivent des lettres dans les tranchées, près de Neuve-Chapelle - 25 juin 1917

• PUB

Office de tourisme
la région
de BÉTHUNE
BRUAY

Pintura: Elisabeth Vaz expôs «Sonhos e cores» na Mairie de Lyon 1



Por Jorge Campos

Na quinta-feira, dia 5 de abril, a pintora lusodescendente Elisabeth Vaz, organizou a sua primeira «vernissage» com cerca de vinte quadros nos espaços da Mairie de Lyon 1, com o apoio da Galeria Virtual Day2Day, de Nicolas Grousset.

Esta exposição com as pinturas de Elisabeth Vaz esteve patente ao público até ao dia 14 de abril.

Elisabeth Vaz nasceu em França, no ano de 1972, perto de Grenoble, mais precisamente em La Tronche-sur-Isère. Agora mora em St. Laurent-du-Pont, com a família. «Grenoble foi a região para onde os meus pais tinham emigrado nos fins da década de sessenta». É casada e tem três filhas. «Como casei muito cedo, as minhas filhas já são quase todas adultas, o que me permite ter tempo para a minha paixão, a pintura» explica Elisabeth Cosinha, nome de solteira, já que Vaz é o nome que ficou depois do casamento.

«Já foi pelo tarde que descobri este meu gosto pela pintura moderna e abstrata. Os meus amigos, surpreendidos pelas obras, encorajaram-me a continuar o que eu fiz, e já conto cerca de oitenta quadros realizados e muitos também já vendidos. A minha técnica preferida é a pintura a óleo, trabalhada com faca, esquadro, régua e pincel. São os utensílios que utilizo para dar forma à minha criação» disse ao LusoJornal.

Elisabeth Vaz foi descoberta por Nicolas Grousset quando apresentava as suas obras na Feira de Arte de Lyon e de seguida propôs-lhe agendar esta exposição com o nome «Sonhos e cores» que decorreu na sala do Espaço Cultura da Mairie de Lyon 1. Na exposição, a artista traduz, numa mistura de cores, os seus sentimentos de vida, sejam eles momentâneos, temporários ou duradouros. É autodidata e nunca seguiu nenhum curso de pintura. «As cores mais vivas e coloridas traduzem a minha alegria e bem estar. As mais escuras são para os momentos mais de nostalgia e de sofrimento. Ao posicionar na tela as cores com o seu relevo, transcrevo o meu estado de alma e de temperamento. Como todos nós, tenho por vezes momentos de tudo. A minha pintura dá-me paz e não deixarei de pintar, pois para mim é como uma segunda natureza, não passa um dia que não pinte. Um retoque aqui, uma linha além, mas não paro» concluiu Elisabeth Vaz.

Um livro de Martine Blanchard

Apresentado livro com percurso de 8 mulheres Caboverdianas emigradas em França

Por Carlos Pereira

Foi apresentado no sábado da semana passada, no Espace l'Harmattan, em Paris, o livro «Celles qui partent pour une terre lointaine» de Martine Blanchard, com histórias de vida de 8 mulheres Caboverdianas que emigraram para França, escritas na primeira pessoa.

Algumas dessas mulheres estiveram presentes na apresentação, em Paris, e juntamente com a autora contaram uma parte das suas próprias histórias de vida e a forma como trabalharam com Martine Blanchard.

Martine Blanchard trabalhou para a Cooperação Francesa, chegou a Cabo Verde em 1980, poucos anos depois da independência do país. Era Conselheira Pedagógica para o ensino de francês e foi para Cabo Verde para atualizar e modernizar o ensino da língua francesa.

«O francês era a primeira língua estrangeira ensinada no arquipélago, mas com métodos antiquados e eu fui implementar um novo método, moderno, específico para Cabo Verde. Fui implementar o método, formar os professores e devia ficar dois anos mas acabei por ficar 10 anos» diz a autora ao LusoJornal.

O encontro com Germana, a doméstica que contratou na cidade da Praia, está na origem do livro. «Era uma mulher com um tempero extraordinário e teve uma vida impressionante. Eu pensei logo que era importante contar aquela história, a história daquela mulher, porque histórias destas são verdadeiros romances. O tempo passou, eu trabalhava, não tinha muito tempo, mas um dia essa mulher faleceu e foi nessa altura que eu pensei que havia muitas outras mulheres Caboverdianas que viveram histórias idênticas e eu queria contá-las».

Depois de Cabo Verde, Martine Blanchard esteve em missão no Senegal, mas guardou uma forte ligação com Cabo Verde, onde ainda vai regularmente.

De regresso a Paris, para «matar solidão» decidiu frequentar as associações caboverdianas da região parisiense. Foi aí que começou a falar do projeto do livro e perguntando quem queria contar a sua própria história.

Pintor José Loureiro vai expor na Galerie Maubert em Paris

O pintor português José Loureiro vai expor na Galerie Maubert, em Paris, de 26 de abril a 16 de junho, na qual será a primeira exposição pessoal do artista na cidade, disse à Lusa o Diretor da galeria.

A mostra, intitulada «Isótopo», vai contar com 30 peças realizadas entre 2007 e 2017, essencialmente óleos sobre papel e óleos sobre tela. O Diretor da galeria, Florent Maubert, afirmou à Lusa que quer mostrar, em Paris, o «trabalho excepcional» de José Loureiro, um artista integrou a coleção do Centro Pompidou, em 2012, graças à doação da coleção de obras sobre papel de Florence e Daniel Guerlain.



LusoJornal / Carlos Pereira

tória. Foi muito naturalmente que encontrou as 8 mulheres que apresenta neste livro.

Encontrou-se com cada uma destas mulheres durante três ou quatro entrevistas de duas a três horas cada uma. «Na maior parte dos casos elas receberam-me em casa delas, ou em locais próximos dos sítios onde trabalham» conta Martine Blanchard «e a maior parte delas veio a minha casa para a leitura final do texto delas».

A cantora Mariana Ramos, que também estava na apresentação e cantou uma canção em crioulo, a capela, é filha de uma das mulheres de que o livro fala. «Um dia estava numa pensão em Cabo Verde e nessa mesma pensão estava a Mariana Ramos. Num pequeno almoço ela falou-me da história da mãe dela e eu disse-lhe logo que gostava de escrever aquela história».

Todas as mulheres emigraram para França. «Quatro vieram quando eram já adultas e fizeram a escolha de emigrar por diferentes razões: para encontrar trabalho, para seguirem os estudos, para fugir a um marido demasiado possessivo, ou para realizar uma vocação religiosa» explica a autora. «As outras quatro emigraram

mais cedo. Duas delas eram adolescentes, foram os pais que lhes impuseram a emigração. Uma veio ter com o pai em Portugal, outra veio ter com um tio que vivia em Paris. Foi contra a vontade delas porque eram adolescentes e deixavam em Cabo Verde os amigos da adolescência. Não queriam vir. As outras duas vieram com as mães, ter com os pais que já estavam em França e vieram com a idade de 5 e 6 anos».

Martine Blanchard decidiu escrever na primeira pessoa. «Não há nenhuma frase minha no livro, guardei as palavras delas. Evidentemente quando se grava uma conversa de 6 ou 8 horas, há uma cozinha a fazer para que a oralidade seja mais linear e mais fácil a ler. O meu trabalho foi de 'montagem' de frases, mas todas as frases são delas» conta ao LusoJornal.

Bibia é de Santo Antão, mas foi cedo para São Vicente. Conta como atravessou clandestina, num barco, durante 6 dias, para Dacar, como foi para Amesterdão e depois para Paris, com o homem que amou, um músico conhecido.

Hermínia é de Santiago e conta como veio para uma pequena vila alentejana

onde já morava o pai, e depois veio para Paris, à procura de liberdade, trabalhar em casa de uma família rica de Neuilly-sur-Seine.

Maria Luísa ganhou uma bolsa de estudo para estudar medicina na Argélia, ainda exerceu na Praia, mas acabou por vir para Paris com François, um médico francês que conheceu em Cabo Verde. Hoje exerce em Paris e só não esteve na apresentação do livro porque tinha consultas até tarde.

Cecília Vicente é uma artista de Santa Catarina. Depois de sair de Cabo Verde, passou por Amesterdão, mas aterrou em Paris. O grupo Sementera ajudou-a a sair de uma depressão. Sonhava ser poetisa, e já gravou alguns discos de batuques e de funanas.

Rita saiu de Santiago por vocação religiosa. Queria ser missionária. Passou por um convento em Braga antes de vir para um convento em Boulogne-Billancourt, nos arredores de Paris. Foi aqui que conheceu o homem que suportou durante 30 anos para educar os filhos.

Lucinda veio para França com 17 anos porque o pai não queria que ela namorasse com um rapaz da terra. Hoje frequenta também a associação Sementera «para esquecer muita coisa».

Nandinha veio em criança para França. Veio com a mãe ter com o pai que já era emigrante em Roubaix. Conta como «saiu de casa» para se juntar ao marido, e depois como se dedicou à vida política, tanto em França como em Cabo Verde.

Za também chegou a França ainda criança. Bem mais tarde criou o Cabo Verde Business Club e a Maison du Cap Vert. Entrou «pela pequena porta» na multinacional Dell que lhe financiou um «Executive MBA» e hoje é a Diretora Geral para a Europa, Médio Oriente e África, da multinacional Lenovo, o número um mundial de computadores pessoais.

Martine Blanchard gostava de traduzir o livro para português. «Já tenho um editor interessado, mas os preços da tradução são muito elevados e tenho de encontrar formas de patrocínio» explica ao LusoJornal.

Para já o livro existe em Francês, editado pela L'Harmattan.

loais, cenários e representações (herdadas do seu gosto pela natureza morta), mas a exposição - que nos transporta para mais de dez anos de pintura - cria uma ligação entre diferentes espaços e encontra uma coerência seja em Lisboa ou em Paris», continuou Florent Maubert. O galerista acrescentou que se interessa pela «cena portuguesa que tem laços históricos fortes e importantes com a cena internacional, nomeadamente sul-americana» e que José Loureiro - como Helena Almeida - tem «ligações próximas com a linha da galeria: o traço, a gravidade, o

gesto e um potencial de colaboração com a dança».

A exposição vai integrar, a 19 e 20 de maio, o programa «Lusoscopia - artistas portugueses em Paris», uma iniciativa do Centro Camões de Paris.

Nascido em 1961, José Loureiro vive e trabalha em Lisboa, expôs na Fundação Gulbenkian e no Museu do Chiado, em Lisboa, no Museu de Serralves, no Porto, e integrou a exposição consagrada à coleção Florence e Daniel Guerlain no Centro Pompidou, entre outubro de 2013 e abril de 2014.

➔ No cinema Saint André-des-Arts

Filme «A Batalha do Côa - Uma lição portuguesa» vai ser apresentado em Paris

Por Carina Branco, Lusa

O documentário «La Bataille du Côa - Une Leçon portugaise», do realizador francês Jean-Luc Bouvret, vai estrearse a 09 de maio, no cinema Saint André-des-Arts, em Paris.

A longa-metragem documental, que vai ser projetada até 05 de junho nesta sala parisiense, descreve a luta pela salvaguarda das gravuras rupestres do Vale do Côa que, em 1994/1995, estavam ameaçadas pela barragem do Baixo Côa e que foram classificadas, em 1998, como Património Cultural da Humanidade pela UNESCO.

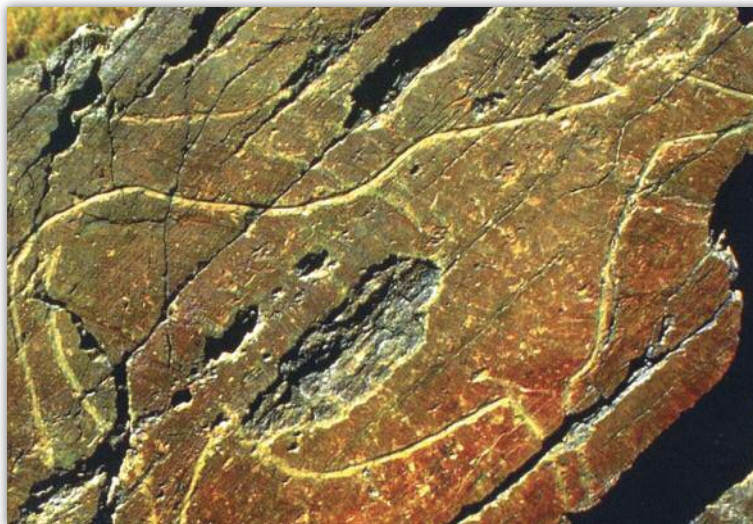
Uma «lição para outros países», no entender de Jean-Luc Bouvret, que já tinha realizado o documentário «Coa, la rivière aux mille gravures», em 2006, e «Bagarre au Barrage», em 2013.

«É uma história tão singular que dá lições a muitos outros países ou civilizações na Europa e fora dela. Esta história é portuguesa. Foi Portugal que suspendeu a barragem para sal-

var as gravuras e é uma lição para todos nós», disse à Lusa o realizador. Jean-Luc Bouvret destacou «o valor de exemplo» desta «luta científica e política» que resultou no abandono da barragem e na criação do Museu do Côa e do Parque Arqueológico do Vale do Côa, apontando que, numa das últimas frases do filme, um historiador francês se mostra «muito mais pessimista» sobre o que teria acontecido «se o Côa tivesse sido encontrado em França».

«Privilegiar a suspensão da barragem para salvar um tesouro cultural é um gesto forte porque mostra que esta cultura é mais importante do que as necessidades económicas e as necessidades do momento», descreveu o cineasta, recordando que o Vale do Côa é o maior complexo de arte rupestre paleolítica ao ar livre.

O filme defende que «esta luta é um exemplo a seguir» e também mostra «as dificuldades e o preço a pagar» pelo abandono da barragem, com entrevistas a «todos os atores desta história, desde o Pre-



sidente da República, ao Primeiro Ministro, a responsáveis pelo património, arqueólogos, agricultores e produtores de vinho».

Jean-Luc Bouvret entrevistou, por exemplo, o antigo Presidente da República Mário Soares que defendeu, no filme, que «o dinheiro que se ganha é importante, mas não é um

valor supremo»: «O valor supremo são valores de natureza moral, isto é, os que tenham em vista os superiores interesses da humanidade porque a humanidade somos todos nós, pobres e ricos».

Há também entrevistas a produtores de vinho, estudantes, antigos autarcas, ao antigo Ministro da Cultura

Manuel Maria Carrilho, ao antigo Presidente da REN José Penedos, ao antigo Secretário de Estado Nuno Ribeiro da Silva, e a peritos que participaram na campanha nacional e internacional de apoio às gravuras, como João Zilhão, Paul Bahn, Michel Lorblanchet, Dominique Sacchi.

O documentário recorre, ainda, a arquivos de jornais que relataram o caso em Portugal e no estrangeiro, assim como a reportagens televisivas que mostraram os defensores das gravuras (desde estudantes à comunidade científica), os defensores da barragem (desde habitantes a empresários), os políticos a favor e contra, e o próprio choque de gerações em Foz Côa, num caso que provocou «fissuras em toda a sociedade portuguesa» e que entrou na campanha para as legislativas que levou António Guterres à chefia do Governo, em 1995, e à salvaguarda das gravuras rupestres.

Jean-Luc Bouvret deverá apresentar o filme num colóquio em Foz Côa, em dezembro.

Portugal de novo em destaque no Festival Chantiers d'Europe em Paris

Por Carina Branco, Lusa

Portugal é novamente um dos países convidados do Festival Chantiers d'Europe, em Paris, que se vai realizar de 14 a 30 de maio, e que vai levar ao palco Camané, Tânia Carvalho, Pedro Penim, entre outros nomes.

O festival de dança, teatro e música

vai juntar, também, artistas de Espanha, Itália, Grécia e Alemanha para valorizar «uma Europa dos artistas, alternativa às sempiternas abordagens económicas», de acordo com o Diretor do Théâtre de la Ville, o lusodescendente Emmanuel Demarcy-Mota.

«A arte e a sua partilha parecem-nos, mais do que nunca, indispen-

sáveis para reafirmar o nosso desejo de estar juntos, de construir, de questionar, pela força da arte, um território comum, inventivo e de reflexão», escreveu Emmanuel Demarcy-Mota no dossiê de imprensa enviado à Lusa.

O concerto inaugural «Lisbonne Paris», a 14 de maio, vai juntar Camané e a realizadora, atriz e cantora

francesa Agnès Jaoui num «encontro com ares de fado», no Théâtre de la Ville-Espace Cardin.

A 14 e 15 de maio, também no Espace Cardin, a companhia Hotel Europa, que junta o português André Amálio e a checa Tereza Havlíková, vai apresentar o espetáculo «Portugal não é um país pequeno», que «relata, no presente, o passado

político e colonial» do país que teve «500 anos de presença em África, nomeadamente em Angola e em Moçambique».

A 16 de maio, ainda no Espace Cardin, a coreógrafa Tânia Carvalho vai apresentar «Um Saco e uma Pedra - peça de dança para ecrã», com música do compositor Diogo Alvim, na qual «ela enfrenta um novo desafio: imagina uma peça de dança que decidiu viver a sua própria vida e escolheu antes o ecrã do que o palco para se desenvolver».

A 17 de maio, no Théâtre des Abbesses, Pedro Penim, do coletivo Teatro Praga, vai apresentar o espetáculo «before», descrito como um «atlas da melancolia» que confronta «um tiranossauro pré-histórico e um psicanalista pós-moderno dotado de ceticismo», num «diálogo acutilante e hilariante em que se encontra matéria para meditar sobre o futuro das civilizações e sobre as suas propensões para alimentar mitologias e fantasmas de impérios extintos».

A 21 e 22 de maio, no Espace Cardin, a Companhia de Música Teatral vai apresentar «Babelim», «um espetáculo interativo e lúdico», destinado às crianças dos 18 meses aos sete anos - «e aos adultos que as acompanham» - com «piano, voz, instrumentos inventados», a partir do termo «babelim» que «designa uma forma de comunicação baseada em sons, imagens e gestos que precedem a língua».

Ainda de acordo com o dossiê de imprensa, durante o mês de maio, o compositor Diogo Alvim vai estar em residência na Cité Internationale des Arts para criar 'Desk Job', «um trabalho de cruzamento entre a música eletrónica ao vivo e as artes visuais».

• PUB

PEDRO ABRUNHOSA
L'OLYMPIA
30 AVRIL 2018
 RÉSERVATIONS:
 FNAC, OLYMPIA, CARREFOUR, AUCHAN, etc.
 0 892 68 33 68 (0,40€/min) | www.olympiahall.com

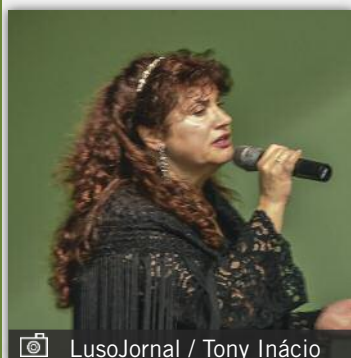
SET
 DYAM

• PUB

TITO PARIS
 LE PRINCE DU CAP VERT EN CONCERT
LAIGALE
VEN. 27 AVRIL 20H
 PREMIÈRE PARTIE
 JOSY RAMOS
 ASHLEY FORTES
 Réservations:
 FNAC, CARREFOUR, AUCHAN
 www.fnac.com & www.dyam.pt

PRODUCTION APOIDS MÉDIA PARTNERS
 DYAM FNCV TRACE TOCA SIC CAPSVENTE LATIVA

Pela primeira vez: Noite de Fado em Lansargues



LusoJornal / Tony Inácio

Por Tony Inácio

No domingo dia 14 de abril, o Fado esteve em destaque na pequena localidade de Lansargues, no Hérault. A Comunidade portuguesa de Lansargues é bastante grande e organiza regularmente eventos à volta da gastronomia e de convívio. Desta vez, Diamantino Coelho, o Presidente da Associação Portuguesa, decidiu organizar uma noite de Fado, para satisfazer os pedidos não apenas da Comunidade portuguesa, mas também dos muitos Franceses que frequentam a associação.

O convite foi feito à fadista portuguesa Eufrásia Bessou, que se fez acompanhar pelo seu próprio marido, Jean-Luc Bessou, à viola, e pelo professor de música Jean-Michel Perez, à guitarra portuguesa.

Esta foi a primeira vez que se cantou o Fado em Lansargues e por isso, não admira que o público estivesse maravilhado. Notou-se aliás algumas lágrimas de emoção, nomeadamente quando Eufrásia Bessou cantou «O Xaile de minha Mãe».

A Associação Portuguesa de Lansargues também tem uma escola de concertinas e os alunos da escola aproveitaram para, também eles, mostrarem o que já sabem tocar. O Presidente Diamantino Coelho considerou a experiência positiva e já está a prever mais noites de Fado nos próximos meses.

Ligue 2: Emmanuel da Costa perdeu, Jorge Costa desceu de divisão

Na sexta-feira 20 de abril, os pupilos do Técnico lusodescendente Emmanuel da Costa (Quevilly Rouen Métropole) disputaram a 34ª jornada da Ligue 2 frente ao Paris FC. Um jogo que terminou com uma derrota por 0-4 do Quevilly.

Quanto ao Tours do Treinador português Jorge Costa continua a ocupar o 20º e último lugar com 19 pontos. No fim de semana passado, o Tours perdeu por 3-2 frente ao Gazélec Ajaccio. Esta derrota atirou definitivamente o Tours para o National.

➔ Zoo de Thoiry

Sortie de l'association Graines de Luso



Le dimanche 8 avril, l'association Graines de Luso a organisé, pour ses adhérents, une sortie au zoo de Thoiry.

Le groupe, qui comptait 60 personnes, est d'abord parti à l'aventure dans le zoosafari à bord de deux camions brousse, pour une visite guidée de la réserve africaine, pour le

plus grand émerveillement des enfants mais aussi des parents.

Chacun a appris des choses sur chaque animal rencontré: l'éléphant, la girafe, le rhinocéros, l'hippopotame, le zèbre, l'autruche, l'antilope, etc.

Mais le plus impressionnant a été de pouvoir entrer dans l'enclos des lions

avec le camion et de s'approcher d'eux au plus près. Le guide a veillé à sensibiliser les petits et les grands au respect de la faune.

Après un pique-nique partagé, en toute convivialité, les enfants ont participé à un atelier pédagogique sur «l'alimentation». Ils ont d'abord participé à une présentation théorique

sur les différents régimes alimentaires des animaux puis ils ont eu le privilège d'assister un soigneur au nourrissage des macaques, des lions et ils ont eux-mêmes nourris les chèvres de la mini ferme.

Pendant ce temps, les parents ont eu l'honneur d'être accueillis au Château par le Comte de la Panouse qui les a guidés dans leur visite du château, chargé d'histoire, qu'il a su transmettre avec passion.

Chaque famille a ensuite profité librement du domaine en visitant le zoo à pieds, en s'aventurant dans le labyrinthe, en découvrant les magnifiques jardins.

Les enfants sont repartis avec un livret jeu, réalisé par leur animatrice Isabel, leur permettant de repérer dans le zoo les animaux que l'on peut trouver dans les pays lusophones.

L'association Graines de Luso propose depuis trois ans des ateliers ludiques hebdomadaires d'initiation à la langue portugaise et à la culture lusophone, pour enfants de 4 à 11 ans, à Taverny (Val d'Oise). L'association intervient également dans les deux écoles primaires de la ville de Bessancourt dans le cadre des TAP.

Vivências do Minho pour le Centenaire de la Bataille de La Lys: un spectacle vivant à Richebourg

Por António Marrucho

Le programme du Centenaire de la Bataille de La Lys continue et ceci jusqu'au mois de mai.

Le dimanche, 15 avril, c'est le folklore du Portugal entre le Douro et Minho qu'a été mis à l'honneur à Richebourg par le groupe Vivências do Minho de Tourcoing.

Vivências do Minho est un groupe bien à part dans le folklore portugais du Nord de la France, voir dans le folklore portugais tout-court.

Vivências, on pourrait le traduire en français par expériences, manières de vivre. C'est bien cela que vous pouvez apprécier dans ce groupe composé d'une trentaine de danseurs et musiciens, d'hommes et femmes, jeunes et moins jeunes.

Vivências do Minho a fait revivre à Richebourg certains usages et coutumes du Nord du Portugal. C'est un groupe authentique en faisant revivre le Portugal des années 1885 à 1915, par les instruments utilisés et par ses costumes.

Nous avons assisté à Richebourg à une fête patronale de village en honneur à Saint Benoît.

Les spectateurs ont été surpris: sur scène on parle, on se dispute, on s'embrasse, des groupes se forment. Devant la scène on étale une nappe, on y met les bonnes spécialités portugaises: des fruits, charcuterie, pain de maïs, le bol avec du vin... C'est un spectacle vivant... du folklore théâtralisé. Les pèlerins arrivent sur scène et nous emmènent, à nous spectateurs, avec eux. La vie se vit sur scène: on chante, on



LusoJornal / Luís Gonçalves

danse, des groupes se forment, des activités s'organisent, on se fâche... on s'embrasse. L'un des personnages fait le geste «dor de cotovelo».

Pendant que les uns dansent, d'autres descendent de scène pour papoter, d'autres s'assoient autour du festin... ils mangent... ils boivent... ils nous offrent à boire... du vrai vin... nous l'avons testé... même pas bouchonné.

Chaque membre du groupe est habillé avec un habit traditionnel différent, à côté d'eux des instruments agricoles de l'époque, des décorations de l'époque. Sur les chapeaux des hommes une image... l'image de St Benoît... en pèlerinage ils ont fait une offrande et ont eu en échange l'image de St Benoît.

Spectacle vivant, Virginie Vila Verde fait appel au public et explique. Elle explique par la voix pendant que dan-

seurs exécutent des pas de danse. Les danseuses vont chercher des hommes dans le public... les femmes restées assises profitent pour filmer les exploits de leurs chers et tendres. On se découvre des dons... Vengeance... nouvelle danse, nouvelles explications. Et là c'est les danseurs qui vont chercher les Madames dans le public. Les hommes filment... dans l'ensemble tous ont bien dansé. Pour clore le spectacle, tout le monde s'y est mis. Sur scène et aux abords de la scène. Les membres du groupe et spectateurs dansent le «Vira». Il y en a qui ont bien transpiré.

On sort du spectacle progressivement: les danseurs et musiciens abandonnent la scène, heureux, ils continuent à jouer pendant que les spectateurs abandonnent leurs sièges, les abordent...

Vivências do Minho c'est un groupe folklorique, à voir et à revoir qui s'adapte aux ambiances. Ils animent même des fêtes familiales, les mariages... Son entraîneur, Virginie Vila Verde, par ailleurs une des plus grandes spécialistes des habits et traditions de l'époque du Nord du Portugal au niveau mondial, a su créer un groupe où les gens âgés coutoient de nombreux jeunes, qualité essentielle pour que le groupe perdure, se développe, en nous faisant revivre les traditions d'antan du Nord du Portugal. Comme on dit, elle est tombée dans la marmite étant petite, sa mère Angelina Fernandes est en effet la Présidente de l'association Vivências do Minho.

Après la fin du spectacle, le groupe a tenu à faire une visite, en habits traditionnels, au Cimetière Militaire Portugais de Richebourg.

➔ Em Champigny-sur-Marne

Projection du film «Les Émigrés» de José Vieira, en hommage au père d'Altina Ribeiro

Le Société des Auteurs Lusophones de France (SALF) organise une soirée «L'immigré inconnu», le samedi 28 avril, de 17h00 à minuit, au restaurant «Canto de Saudades», à Champigny-sur-Marne (94), en hommage au père de l'écrivaine Altina Ribeiro, soit 55 ans après son arrivée dans le bidonville qui s'y trouvait à l'époque.

La soirée débutera par la projection du film de José Vieira «Les Émigrés», tourné en 2006 à São Vicente da Raia, près de Chaves, au Portugal, dont les parents d'Altina Ribeiro sont les principaux protagonistes.

La projection sera suivie d'un débat en présence du réalisateur.

À travers les dialogues et les récits des

familles présentes dans le village en pleine saison estivale, le documentaire tente de savoir que sont devenus ceux qui ont dû tout quitter, dans les années 60, à la recherche d'une vie meilleure. L'idée de ce film est née d'une rencontre entre son réalisateur, José Vieira, et Altina Ribeiro, lors de la sortie de son premier livre «Le fado pour seul bagage», un récit autobiographique dans lequel, par le biais de son odyssee personnelle, elle présente également un témoignage sur l'histoire de milliers de ses compatriotes.

Tout comme dans cet ouvrage, beaucoup d'hommes et de femmes retrouveront une partie de leur histoire dans ce documentaire touchant et fort. Il dé-

crit parfaitement le rapport au temps et à la mémoire, la vie rêvée à laquelle on se raccroche quand on trime loin des siens, ainsi que la découverte cruelle que le temps passe, que les amis ne sont plus là, que le village n'est plus celui de son enfance, que la vie n'est pas à la hauteur de ses rêves. La difficulté du retour pour les déracinés qui ne se sentent acceptés nulle part est également très présente dans ce film.

Après le débat, la SALF présentera quatre de ses auteurs: Altina Ribeiro, Inês Oliveira, Ana Fernandes et Manuel do Nascimento qui pourront dédicacer leurs ouvrages.

À l'issue du repas, la soirée sera clôturée par un concert de Dan Inger dos Santos, accompagné du guitariste Red Mitchell et du multi-instrumentiste Jean-Luc Pagni. L'artiste interprétera, en version acoustique, les titres extraits de son album compilation intitulé «20 ans», pour lequel et à l'occasion de sa sortie, Altina Ribeiro et le musicien ont coécrit sa biographie «Trois notes de blues pour un fado», que les auteurs pourront également vous dédicacer.

Uniquement sur réservation
01.48.80.23.33

Restaurant «Canto de Saudades»
301 avenue des Grandes Godets
94500 Champigny-sur-Marne

Jean-Luc Gonneau organise une soirée «Fados em Liberdade» pour fêter le 25 Avril



Le Coin du Fado, une organisation dirigée par Jean-Luc Gonneau, organise le mercredi 25 avril, à 20h00, une soirée Fado intitulée «Fados em Liberdade», avec les «classiques» de la Révolution des œillets, bien sûr, mais aussi et surtout des Fados, anciens ou récents liés au thème de la liberté. Sans oublier quelques coups de cœur des artistes, «car comme tout anniversaire, la soirée sera une fête».

«Dans son histoire, le Fado a longtemps été un objet politique, parfois militant, parfois ambigu, résistant ou se pliant à la censure sous la dictature, alternant louanges ou opprobre, venues de la gauche ou de la droite» dit une note de l'organisation, envoyée aux rédactions. «Pour le Fado, comme pour la société portugaise, la Révolution des œillets, en 1974, fut un moment important: après un demi-siècle de dictature, le pays retrouvait la démocratie et la liberté. C'est pourquoi le Coin du Fado s'efforce chaque année de fêter l'anniversaire de cet événement».

Conceição Guadalupe, toujours aussi enthousiaste, João Rufino, fadiste militant, sont les «titulaires», accompagnés par Nuno Esteves à la guitare classique et Philippe Leiba à la contrebasse.

Ils seront rejoints par une jeune garde plus que prometteuse, avec Daniela, toute en élégance, Tânia Caetano, toute en émotion, et Loïc da Silva, jeune virtuose de la guitare portugaise. Il y aura aussi le retour au Fado d'António de Freitas, après de longs mois de soucis de santé et la participation de João Heitor, le créateur de Lusofolies. «Et la présence probable d'autres amis encore» dit Jean-Luc Gonneau, qui présentera le spectacle. La Péniche Antipode est lieu connu pour son esprit convivial et la diversité de ses programmations. Un (joyeux) service de bar (consos à partir de 2,50 €) et de petite restauration avant le concert (plats de 6 à 13 €) est ouvert tous les jours. «Un lieu idéal pour cette soirée».

Le mercredi 25 avril, à 20h00
Péniche Antipode
Face au 55 quai de Seine
Paris 19
Métro: Riquet
Réservation obligatoire:
06.22.98.60.41.

Felizardo Soares e Conceição Guadalupe no Théâtre des 2 Anes

Por Lia Gomes

Felizardo Soares e Conceição Guadalupe subiram ao palco do Théâtre des 2 Anes, em Paris, na Porte de Clichy, no domingo passado, dia 15 de abril, pelas 15h00.

Esta foi a primeira vez que os dois artistas subiram ao palco deste teatro da capital.

Felizardo Soares já cantou no Alhambra, no Café de la Danse, no Réservoir, «Faço questão, uma vez por ano, de fazer uma sala em Paris. Recentemente estive em La Rochelle, em Niort, em Limoges, até na Costa Brava para um festival, e daqui vou para Chartres, no próximo sábado. A minha vida é assim, uma vida de boémio» diz o artista ao LusoJornal. «Quando cantamos, temos de ter paixão. Sem paixão não se trabalha bem. Mas isso acontece em todas as profissões, não é?».

Felizardo Soares começou a cantar em pequenino «quando tinha apenas 6 anos de idade e fiz o Conservatoire de Mireille», mas explica que, depois, «por razões familiares parei». Só em 2014 decidiu retomar a atividade ar-

tística. «Sou velho na idade, mas no vinho na música» diz a sorrir, antes de acrescentar que «C'est dans les vieux pots, qu'on fait la meilleure soupe».

Felizardo Soares canta em português temas baseados em ritmos de salsa e country. «Compuz algumas músicas e tenho um autor-compositor que fez o resto» confessa ao LusoJornal. «Estou muito feliz pelo que tenho feito desde 2014. Sei que não tenho 25 anos de carreira, mas sinto que estou a avançar».

No Théâtre des 2 Anes cantou essencialmente temas do seu primeiro álbum, mas também interpretou quatro temas do próximo disco que deve sair no verão.

«Já podia ter lançado o segundo álbum, mas desta vez decidi temperar um pouco, fazer as coisas como deve ser» diz ao LusoJornal, antes de interpretar «Enfeitiçado por ti» e «Nada mais». «É tudo muito romântico...» diz a sorrir.

O público respondeu presente. «Tenho um público que me tem seguido. Há pessoas que se deslocam de 900 km, é um amor por mim e para

mim é um orgulho saber que há pessoas que me seguem, que estão prontas a vir de longe para me ouvir cantar, que gostam das minhas músicas. Um artista para ser completo tem de ter estas coisas todas. Orgulho-me muito disto. Nós artistas ficamos contentes de saber que o público gosta de nós» diz ao LusoJornal o artista que em novembro deve participar num programa do canal de televisão TF1.

Conceição Guadalupe cantou Piaf

Conceição Guadalupe já tinha ido ao Théâtre des 2 Anes para ver outros artistas, mas foi a primeira vez que subiu ao palco deste estabelecimento. «Em geral nunca estou nervosa para nenhum espetáculo, estou sempre calma, mas há sempre aquele receio ao entrar, e ao encarar o público».

A Fadista também é conhecida por cantar Variedades e neste caso fez um espetáculo bastante hererogénio. Começou com um fado feito especialmente para ela, «Sonhos de tanta

gente», sobre alguém que gostava de morar num sítio deserto, num lugar calmo, que podia ser os Açores, onde nasceu Conceição Guadalupe. E cantou também o Fado «Maria Madalena».

Já em variedades cantou «Por um beijinho teu» e depois enveredou por dois temas de Edith Piaf, «porque adoro cantar Edith Piaf» confessou ao LusoJornal: «Padam» e «Non, je ne regrette rien». Finalmente ainda cantou o tema «Saudade», de Cesária Évora.

A cantora diz ter uma agenda cheia praticamente até ao fim do ano. «Não me posso queixar da agenda, entre o Fado e as Variedades, não me queixo. Canto em restaurantes, associações, até em festas particulares».

Conceição Guadalupe vai cantar nos Açores no dia 27 de maio, porque aí se desloca para o aniversário da mãe, e aproveita para cantar na Pousada de Angra do Heroísmo. Em junho volta a cantar nas ilhas de Santa Maria e da Graciosa, nas Grandes Festas, assim como na Taberna do Fado na ilha Terceira. «E em setembro voltamos cá» diz a sorrir.

• PUB

Livra-vos do mal que vos fizeram

Dona Isabel

Pura Vidente Portuguesa - 35 anos de experiência
DONS HEREDITÁRIOS
Trata vários casos: Bruxaria, Inveja, Blocagem, ajuda na saúde, amor etc.
EU TENHO O DOM DE DESTRUIR O MAL QUE LHE FIZERAM

Dona Isabel faz rezas na sua presença contra a magia negra e problemas pessoais

RESPONDE PESSOALMENTE A TODOS OS PEDIDOS

PARIS 17, proche Gare St-Lazare (M° Gare St Lazare)
VIRY-CHATILLON (91) 148, av. Général de Gaulle N. 7 (09h/20h)
01 69 05 35 27 ou 06 65 44 29 07

• PUB

Música, Actualidade, Cultura, Desporto, Agenda cultural

Voz de Portugal

Tous les dimanches 11h>13h
Todos os domingos RBS 91,9 FM
radiorbs.com

• PUB

IYÁ LILA DE YEMANJA

Mãe Lila Yemanja trabalha com buzios, tarot, trabalhos espirituais, abertura de caminhos, limpezas, sorte, saúde,...

Medium vidente contém o dom da revelação

Contacto em Portugal: +351.915.461.370
Contacto em Paris: 07.67.60.78.10

PORTUGAL

18 | 19 | 20 MAI

7^e EDITION

ENTRÉE GRATUITE

PARIS PORTE DE VERSAILLES

SALON DE L'IMMOBILIER ET DU TOURISME

INVESTISSEMENT 

RETRAITE 

TOURISME 

GASTRONOMIE 

INNOVATION 



INSCRIPTIONS EXPOSANTS ET VISITEURS : sipp.ccifp.fr

© Fotolia

L'autreagence